

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

FILIFE MARCEL BRITO DE SOUZA

EUGENIA NEGATIVA NO BRASIL: RENATO KEHL E SUAS *LIÇÕES DE  
EUGENIA*.

CURITIBA

2013

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

FILIPPE MARCEL BRITO DE SOUZA

EUGENIA NEGATIVA NO BRASIL: RENATO KEHL E SUAS *LIÇÕES DE EUGENIA*.

Monografia apresentada à disciplina: Estágio Supervisionado em Pesquisa Histórica, como requisito parcial à conclusão do Curso de História – Bacharelado e Licenciatura, Setor de Ciência Humanas, Letras e Artes da Universidade Federal do Paraná.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Karina Kosicki Bellotti

CURITIBA

2013

## **AGRADECIMENTOS**

Dedico este pequeno escrito, primeiramente, aos meus familiares pelo apoio incondicional. Aos meus pais Maricelia e Barros, minhas irmãs May e Ry, e minha avó Evanira: obrigado por tudo.

Agradeço a todos os que de alguma forma contribuíram nesta minha caminhada acadêmica, seja no curso de Direito ou no curso de História, sendo que eu não poderia deixar de mencionar especificamente aqui dois nomes: Denise e Maria Tereza.

Agradeço também o apoio de minha orientadora Prof<sup>fa</sup> Dr<sup>a</sup> Karina Bellotti, que sempre atendeu de forma pronta e solícita aos meus intempestivos chamados.

## RESUMO

A eugenia foi um movimento científico e social que teve suas diretrizes desenvolvidas pelo britânico Francis Galton, na segunda metade do século XIX, e que foi posteriormente propagada em diversos países do mundo. Introduzida no Brasil, ao final da década de 1910, teve no país como seu principal cientista e propagandista o médico Renato Ferraz Kehl (1889 – 1974). A pesquisa visa o estudo da formulação de ideias acerca da eugenia no Brasil, a partir de uma análise da obra *Lições de Eugenia*, publicada em 1929, pelo eugenista em estudo. O foco principal será voltado para o fim da década de 1920, quando o autor passa a exibir concepções mais radicais, alinhadas ao conceito de 'eugenia negativa'. Este trabalho tem, então, o intento de trazer o histórico e os conceitos da eugenia de forma mais ampla, assim como analisar o processo de desenvolvimento e a institucionalização do movimento eugenista brasileiro, e o papel desempenhado por Renato Kehl. Pretende ainda trazer algumas questões ligadas ao momento de ruptura de Kehl com o pensamento eugênico suave, de matiz neo-lamarckista, para a adoção de uma concepção de cunho determinista biológico, ligado a genética mendeliana e a eugenia negativa. Por fim, pretende-se uma análise mais pontual de conceitos, práticas e políticas ligadas a eugenia negativa, tais como a regulação eugênica do casamento, esterilização, assim como questões acerca de raça, miscigenação e imigração que foram tratados pela obra em análise.

**Palavras-chave:** *Eugenia, Renato Kehl, Lições de Eugenia.*

## SUMÁRIO

|  |           |
|--|-----------|
| <b>INTRODUÇÃO.....</b>   | <b>5</b>  |
| <b>1. A EUGENIA: HISTÓRICO E CONCEITOS.....</b>                        | <b>9</b>  |
| 1.1 O MOVIMENTO EUGÊNICO BRASILEIRO E A TRAJETÓRIA DE RENATO KEHL..... | 13        |
| 1.2 OS FUNDAMENTOS DA EUGENIA DE RENATO KEHL.....                      | 20        |
| <b>2. APROXIMAÇÃO DE RENATO KEHL À EUGENIA NEGATIVA.....</b>           | <b>24</b> |
| <b>3. EUGENIA NEGATIVA EM <i>LIÇÕES DE EUGENIA</i>.....</b>            | <b>30</b> |
| 3.1 CONCEITO.....  | 30        |
| 3.2 REGULAMENTAÇÃO EUGÊNICA DO CASAMENTO.....                          | 31        |
| 3.3 RAÇA, MISCIGENAÇÃO E IMIGRAÇÃO.....                                | 34        |
| 3.4 ESTERILIZAÇÃO E ABORTO.....  | 38        |
| <b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>                                       | <b>40</b> |
| <b>REFERÊNCIAS.....</b>  | <b>43</b> |

## INTRODUÇÃO

Esta pesquisa visa o estudo da formulação de ideias acerca da eugenia no Brasil, a partir de uma análise da obra *Lições de Eugenia*, publicada em 1929 pelo médico e eugenista Renato Ferraz Kehl. O foco principal será voltado para o fim da década de 1920, quando o autor passa a exibir concepções mais radicais, alinhadas ao conceito de 'eugenia negativa'.<sup>1</sup> A pesquisa tem, então, como interesse central analisar algumas das questões sociais, políticas e científicas que permearam o processo de aproximação do autor às ideias de eugenia mais “dura”, e como esta mudança está expressa na obra em análise.

O motivo da escolha de Renato Kehl como foco deste trabalho reside no motivo de ser este personagem o mais destacado propagador das ideias eugênicas no Brasil, durante as décadas de 1920 e 30. A obra *Lições de Eugenia* (1929), por sua vez, foi escolhida por ser a que melhor expõe os pressupostos teóricos de Renato Kehl, podendo ser considerado um livro síntese do pensamento do autor.<sup>2</sup> *Lições de Eugenia* consiste na obra em que o autor melhor consolidou seus pressupostos teóricos.<sup>3</sup> Publicado em 1929, pela Editora Livraria Francisco Alves, e tendo uma segunda edição em 1935, é a expressão da radicalidade do pensamento eugenista deste período.<sup>4</sup> A obra dividida em doze 'lições' contém as definições de eugenia e eugenismo; os fatores considerados degenerativos; o arcabouço teórico que irá sustentar a exposição: Francis Galton, Lamark, C. Darwin, Weismann, Mendel, dentre outros; e ainda outros temas que vão de hereditariedade até educação sexual. A presente pesquisa dispõe da edição inaugural da obra de 1929, e pretende fazer uma investigação dos aspectos concernentes ao pensamento eugênico de Renato Kehl em sua principal obra. Este livro organiza e esclarece a eugenia, desde suas bases teóricas e os projetos de cura do povo brasileiro, podendo ser considerado como livro síntese do pensamento de Kehl.<sup>5</sup>

Renato Kehl (1889-1974) é considerado o principal propagador dos

---

<sup>1</sup> DIWAN, Pietra. *Raça Pura: uma história da eugenia no Brasil e no mundo*. São Paulo: Contexto, 2007. p. 125.

<sup>2</sup> NALLI, Marcos. Antropologia e Racismo no Discurso Eugênico de Renato Kehl. *Teoria e Pesquisa*, São Carlos. p. 120.

<sup>3</sup> NALLI, Marcos. Antropologia e segregação eugênica: uma leitura das lições de Eugenia de Renato Kehl. In: BOARINI, M. L. *Higiene e raça como projetos*. Maringá, Eduem, 2003. p. 166

<sup>4</sup> DIWAN, Pietra. *Op. cit.*, p. 128.

<sup>5</sup> *Idem, Ibidem.*

princípios da eugenia no Brasil.<sup>6</sup> Referências aos seus trabalhos aparecem com frequência na historiografia nacional, especialmente nas discussões sobre raça, imigração controle matrimonial, higiene mental e, principalmente, eugenia.<sup>7</sup> Entre os anos de 1917 e 1940 assumiu a propaganda eugênica como missão política e intelectual, o que lhe rendeu o título de “pai da eugenia”, pelo escritor, e simpatizante da eugenia, Monteiro Lobato.<sup>8</sup> Nascido em Limeira, interior de São Paulo no ano de 1889, teve formação em Farmácia pela Escola de Farmácia de São Paulo (1909), e em Medicina pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro (1915). Exercia função de encarregado médico da farmacêutica alemã Bayer no Brasil. Publicou mais de 30 obras acerca do tema eugenia, e foi um dos principais fundadores da primeira sociedade eugênica da América Latina, a Sociedade Eugênica de São Paulo (Sesp) em 1918, participando também das criações da Liga Brasileira de Higiene Mental (LBHM), em 1922, e da Comissão Central Brasileira de Eugenia, em 1931.<sup>9</sup> Foi editor de revistas e periódicos nacionais, dentre eles o Boletim de Eugenia que circulou entre os anos de 1929 e 1933.<sup>10</sup> Suas principais obras, sobre a temática eugênica são: *A Cura da Fealdade* (1923), *Licões de Eugenia* (1929), *Sexo e Civilização* (1933), *Por que sou eugenista?* (1937) e *Typos Vulgares* (1946).<sup>11</sup>

O pensamento de Kehl, acerca da eugenia, teve duas fases distintas. A primeira pode ser classificada como positiva e sanitarista, defendendo um programa eugênico mais “suave”, ao estilo da eugenia preventiva.<sup>12</sup> A segunda fase ocorre a partir do final dos anos 1920, quando após ter visitado o Instituto de Eugenia de Berlim, travando contato com seus diretores, em 1928, passa a se aproximar dos pressupostos mais radicais da eugenia negativa.<sup>13</sup> Kehl se afasta do movimento sanitarista, passando a citar frequentemente em suas obras ideias que vinham sendo discutidas na Inglaterra, nos Estados Unidos, por Charles Davenport, e principalmente no pensamento ligado à “higiene racial alemã”.

---

<sup>6</sup> STEPAN, Nancy. *A Hora da Eugenia: raça, gênero e nação na América Latina*. Rio de Janeiro: Cadernos de Saúde Pública, 2006.

<sup>7</sup> SOUZA, V. S. A "eugenia negativa" nos trópicos: a política biológica e a construção da nacionalidade na trajetória de Renato Kehl (1928-1932). In: XII Encontro Regional de História - Usos do Passado, 2006, Niterói. p. 01.

<sup>8</sup> *Idem, Ibidem*.

<sup>9</sup> STEPAN, Nancy. *Op. cit.*, p. 56.

<sup>10</sup> SOUZA, V. S. *Op. cit.*, p. 01.

<sup>11</sup> DIWAN, Pietra. *Op. cit.*, p. 124.

<sup>12</sup> SOUZA, V. S. *Op. cit.*, p. 01.

<sup>13</sup> *Idem*, p. 02.

Segundo Nancy Stepan o estudo de um tema específico ligado a temática da eugenia oferece ao historiador uma oportunidade de examinar as relações entre a ciência e a vida social, e como esta estrutura ou influência os desenvolvimentos reais das ciências da hereditariedade, e os usos que podem ser dados a estas.<sup>14</sup> A temática ainda tem a vantagem de ser, a um só tempo, contemporânea e histórica, sendo que os problemas relativos a políticas sociais concernentes a genética e reprodução humana estão em evidência em nossos dias, e a eugenia no período anterior a 1945 pode ser vista como um fenômeno relativamente encerrado no passado, sobre o qual podemos ter algum distanciamento.<sup>15</sup>

Importante também para entendermos como funcionou a investigação científica do campo da eugenia, é o funcionamento da interpretação da história intelectual, como prescreve Helenice Rodrigues:

...a história intelectual parece visar, essencialmente, a dois eixos de análise: por um lado, o funcionamento de uma sociedade intelectual (o conceito de 'campo' de Bourdieu), ou seja, suas práticas, suas estratégias, seus habitus; por outro, as características de um momento histórico e conjuntural (...) que impõem visões de mundo, esquemas de percepção e apreciação, enfim, modalidades específicas de pensar e de agir por parte dos intelectuais. Em outras palavras, a história intelectual deve levar em conta a dimensão sociológica, histórica e filosófica capaz de explicar a produção intelectual com base nos espaços socioprofissionais e nos contextos históricos.<sup>16</sup>

Tendo isto mente, e focando nesta mudança de perspectiva em direção a radicalização, no pensamento de um dos principais eugenistas brasileiro, a presente pesquisa pretende fazer algumas ilações acerca desta mudança nas concepções do personagem em estudo, a partir de análise de sua principal obra: *Lições de Eugenia*.

A primeira parte deste trabalho tem o intento de trazer o histórico e os conceitos da eugenia de forma mais ampla, assim como analisar o processo de desenvolvimento e a institucionalização do movimento eugenista brasileiro, a partir do final da década de 1910, e o papel desempenhado por Renato Kehl. A segunda parte deste estudo tem o objetivo de investigar algumas questões ligadas ao momento de ruptura de Kehl com o pensamento eugênico suave, de matiz neo-lamarckista, para a adoção de uma concepção ligada ao determinismo biológico ligado a genética mendeliana e a eugenia negativa. Por fim, a derradeira parte desta

---

<sup>14</sup> STEPAN, *Op. cit.*, p.13.

<sup>15</sup> *Idem, Ibidem.*

<sup>16</sup> RODRIGUES DA SILVA, H. Fragmentos da história intelectual: entre questionamentos e perspectivas. Campinas: *Papirus*, 2002. p. 12.

monografia pretende fazer uma análise mais pontual de práticas e políticas, muitas delas ligadas a eugenia negativa, que encontram-se presentes na obra aqui em análise.

## 1. A EUGENIA: HISTÓRICO E CONCEITOS

A presente pesquisa trata, de forma geral, do movimento social e científico conhecido como eugenia. Antes, no entanto, de entrarmos em discussão acerca da introdução do movimento eugênico no Brasil cabe uma breve recapitulação acerca do surgimento do que conhecemos como eugenia. Seus ideais remontam a Antiguidade grega, como aponta o próprio Renato Kehl em *Lições*, quando este atribui aos espartanos à primazia nos esforços do melhoramento humano.<sup>17</sup> A eugenia moderna, no entanto, consiste no movimento científico e social desenvolvido à partir das concepções do cientista britânico Francis Galton, que em 1883 inicia o processo de tentativa de aplicação dos conhecimentos ligados a hereditariedade no intuito de melhoramento da raça humana.<sup>18</sup> O conceito foi cunhado por Galton em 1883, para representar as possíveis aplicações sociais do conhecimento da hereditariedade para obter-se uma melhor reprodução, sendo que sua etimologia consiste em *eu*: boa e *genia*: geração.<sup>19</sup> Segundo Nancy Stepan a eugenia como ciência se baseou nos entendimentos acerca da hereditariedade humana; como movimento social envolveu propostas que permitiram à sociedade assegurar a constante melhoria de sua composição hereditária encorajando indivíduos “adequados” a se reproduzirem, e desencorajando os “inadequados” a se reproduzirem.<sup>20</sup>

A eugenia é formatada nas três últimas décadas do século XIX quando há a insurgência de uma crescente competição econômica entre as nações, assim como o surgimento de novas demandas de grupos antes marginalizados. As políticas da classe operária e dos feministas ameaçavam o *status quo*. Socialmente o otimismo da era vitoriana começou a dar lugar a um generalizado pessimismo em relação à vida moderna e seus males. A inquietação quanto ao futuro da sociedade foi reforçada pelas incertezas sobre a própria modernidade, e gerou um contexto propício para o desenvolvimento de um movimento científico de reforma. Em lugar da evolução a principal metáfora da época passou a ser a degeneração, cuja à

---

<sup>17</sup> KEHL, Renato. *Lições de Eugenia*. Rio de Janeiro: Editora Francisco Alves, 1ª edição, 1929. p. 130.

<sup>18</sup> STEPAN, Nancy Leys. *A Hora da Eugenia: raça, gênero e nação na América Latina*. Rio de Janeiro: Cadernos de Saúde Pública, 2006. p. 9.

<sup>19</sup> SCHWARCZ, Lilian Moritz. *O espetáculo das raças*. São Paulo, Companhia das Letras, 1993. p. 60.

<sup>20</sup> STEPAN, *Op. cit.*, p. 09.

causa atribuía-se a vício, crime, imigração, trabalho feminino e ambiente urbano. A convicção de que eram hereditárias muitas das doenças comuns entre pobres (tuberculose, sífilis, alcoolismo e doenças mentais), insuflava o medo da decadência social.<sup>21</sup> Com este estado de coisas e com o surgimento, na segunda metade do século XIX, da teoria de Darwin relativa à teoria evolutiva da seleção natural, Francis Galton, apropriando-se destes conceitos, concluí que a sociedade poderia fazer com rapidez o que a natureza vinha fazendo de maneira lenta: aprimorar o estoque genético humano por meio da seleção deliberada dos adequados em detrimento dos inadequados.<sup>22</sup>

As idéias de Francis Galton (1822-1911), fundamentadas pelo arcabouço teórico construído por Charles Darwin (1809 – 1822), passam a prometer a “elevação moral e a felicidade” aos povos que atentarem para o controle, considerado necessário, da reprodução de tipos inferiores.<sup>23</sup> Esse conceito, e as promessas nele contidas, passam a se fortalecer estabelecendo um movimento de caráter científico e social cuja abrangência abarcou diversos países, onde, em geral, teve enorme aceitação.<sup>24</sup>

Esta ciência/movimento social passa a se alastrar pelo mundo, durante o período entre as duas guerras mundiais, surgindo em países tão díspares quanto a Suécia ou o Peru.<sup>25</sup> A eugenia, em seu início, foi defendida simultaneamente em diversos países da Europa, sendo que como em muitas outras áreas da intelectualidade moderna os acadêmicos ingleses e alemães disputavam o orgulho da prioridade.<sup>26</sup> Transformada em movimento social e científico, a partir de 1880, a eugenia procurava cumprir metas diversa, mas com o escopo principal de administrar social e cientificamente a população os princípios da hereditariedade.<sup>27</sup> Para o engrandecimento das nações, “melhorando” a qualidade das populações, a eugenia propunha, basicamente, estimular os nascimentos desejáveis e desencorajar deliberadamente a união e procriação dos tarados e degenerados.<sup>28</sup> Estes são dois conceitos de eugenia denominados *eugenia negativa* e *eugenia*

---

<sup>21</sup> STEPAN, *Op. cit.*, p. 09.

<sup>22</sup> *Idem*, p. 32.

<sup>23</sup> BOARINI, M. L. Higienismo, Eugenia e naturalização do social. In: BOARINI, M. L. *Higiene e raça como projetos: higienismo e eugenismo no brasil*. Maringá, Eduem, 2003. p. 28.

<sup>24</sup> *Idem*, p. 29.

<sup>25</sup> STEPAN, *Op. cit.*, p. 10.

<sup>26</sup> BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade e Ambivalência*. Rio de Janeiro: Zahar, 1999. p.41.

<sup>27</sup> SCHWARCZ, Lilian Moritz. *Op. cit.*, p. 60.

<sup>28</sup> BOARINI, M. L. *Op. cit.*, p. 29.

*positiva*. Sobre estes tipos de eugenia (“positiva” e “negativa”), os quais são de grande importância para o entendimento deste trabalho, podemos dizer que a eugenia positiva, em linhas gerais, tinha por escopo o fomento da reprodução dos considerados “aptos”, aumentando a quantidade de indivíduos aptos “eugenizados”. A eugenia “negativa”, por sua vez, preocupava-se em barrar os fatores considerados inadequados, através de medidas que visavam impedir a reprodução dos indivíduos portadores de caracteres indesejáveis.

O movimento eugênico foi caracterizado por sua abrangência global, notadamente no ocidente. As dimensões internacionais deste movimento podem ser constatadas pelos inúmeros congressos internacionais, publicações e institutos que tratavam do tema e que passaram surgir, no início do século XX em diversos países.

A eugenia, ao contrário do que possa se pensar, não foi uma obra alheia à nova ordem racional da civilização, mas de forma contrária, foi um produto legítimo do espírito moderno, daquela ânsia de auxiliar e apressar o progresso da humanidade rumo à perfeição, que foi por toda parte a mais eminente marca da era moderna.<sup>29</sup> Não só os intelectuais, cientistas e ativistas sociais estavam imersos nestes ideais de controle biológico. Estes permearam toda a sociedade moderna, e permaneceram como um dos principais aspectos de seu espírito coletivo.<sup>30</sup> O movimento eugênico não foi, de forma alguma, manifestação de ideias extremistas advindas da periferia das ciências, mas sim movimento endossado por respeitados cientistas, médicos e ativistas sociais que a consideraram como resultado do desenvolvimento do estudo da hereditariedade humana.<sup>31</sup> Seu significado não é dotado de uma estabilidade visto que o movimento/ciência encontrou um significado mais ou menos diverso em cada região do mundo em que floresceu.<sup>32</sup>

A efetivação social dos princípios científicos da eugenia começou a ganhar espaço após a Primeira Guerra Mundial, quando os Estados europeus, de forma geral, estavam preocupados com a quantidade e a qualidade de sua população, que em muitos casos havia sido dizimada pela guerra e pelas doenças.<sup>33</sup> Após a guerra o Estado assume o papel de *pater familias*, ou seja, passa a substituir a família e a

---

<sup>29</sup> BAUMAN, Zygmunt. *Op. cit.*, p.33.

<sup>30</sup> *Idem*, p.44.

<sup>31</sup> STEPAN, *Op. cit.*, p.12.

<sup>32</sup> *Idem*, p. 14.

<sup>33</sup> MAZOWER, Mark. *Continente sombrio: a Europa no século XX*. São Paulo: Cia das Letras, 2001. pp. 87-89.

sociedade civil no papel de educação dos jovens e a saúde da família.<sup>34</sup> O Estado passava a se intrometer na vida privada, visando suprir as mazelas de saúde e higiene, sendo que o mundo da década de 1920 conjugava racionalismo e grandeza moral, e visava combater os problemas de superlotação das cidades para garantir a “higiene social” nos bairros miseráveis.<sup>35</sup>

Essas ideias pertencem ao que Michel Foucault<sup>36</sup> denominou *biopoder*. Constituído no final do século XIX e impulsionado pelo desenvolvimento do capitalismo, o *biopoder* garantiu a manutenção das relações produtivas e o crescimento das economias. Este poder consistia em um investimento direto no corpo dos indivíduos através de estratégias para extrair, e desviar, a potência de cada um para as instituições de poder como a escola, a polícia, a medicina, dentre outras.

Sobre a eugenia no Brasil podemos caracterizá-la por, de forma geral, não se basear na concepção *mendeliana*, dominante nos movimentos britânico, alemão e norte-americano. A eugenia brasileira, principalmente nos primeiros anos, estava ligada a uma corrente alternativa *lamarckiana*, devido à aproximação dos movimentos intelectuais brasileiros as ideias francesas, e ainda por fatores referentes à cultura política nacional, sendo que tanto as bases científicas quanto os métodos eugênicos brasileiros distinguem das regiões citadas.<sup>37</sup> Os movimentos eugenistas latino-americanos, de forma mais geral, partilhavam de uma preocupação: como criar, partindo de suas populações heterogêneas, uma homogeneidade nova e purificada sobre a qual uma verdadeira “nacionalidade” pudesse ser erigida. Esta eugenia desenvolveu-se simultaneamente com o ressurgimento dos vários nacionalismos, primeiro no rescaldo da 1ª Guerra Mundial, e novamente na década de 1930, na esteira da depressão mundial e dos graves deslocamentos e mutações políticas que se seguiram.<sup>38</sup> A história da eugenia pan-americana é, em verdade, uma história de insucesso, do ponto de vista de seus desenvolvedores: em vez de criar um sólido Código de Eugenia para a região, nas duas conferências da região, nas décadas de 20 e 30, aprovaram-se apenas fracas

---

<sup>34</sup> MAZOWER, Mark. *Op. cit.*, pp. 98-99.

<sup>35</sup> *Idem*, p. 99.

<sup>36</sup> Sobre biopoder: FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade: vontade de saber*. São Paulo: Graal, 1988.

<sup>37</sup> STEPAN, *Op. cit.*, p.14.

<sup>38</sup> *Idem*, pp. 23-24.

resoluções de compromisso.<sup>39</sup>

O movimento eugênico brasileiro faz parte, de forma generalizada, de uma gama de movimentos da denominada “eugenia ordinária”<sup>40</sup>, em contraposição com a extraordinária, brutal e excessiva eugenia nazista alemã. As ideias de Renato Kehl, no entanto, representam uma espécie de início de ruptura com os pensamentos dominantes na eugenia brasileira, quando passa a se inspirar, na década de 1920, no movimento eugenista que se desenvolve na República de Weimar na Alemanha.<sup>41</sup> Vamos então, a seguir, como se desenvolveu o movimento no país, e como Kehl atuou neste processo.

### 1.1 O movimento eugenista brasileiro e a trajetória de Renato Kehl

Tendo por objetivo um melhor entendimento da obra em questão neste trabalho, passamos agora a fazer algumas menções ao movimento eugenista brasileiro, que desde seu surgimento é pontuado pela constante presença de Renato Kehl. O próprio autor em *Lições de Eugenia* despende de algumas páginas para contar a trajetória dos primeiros movimentos eugênicos no Brasil.<sup>42</sup>

No Brasil se discutiu, desde os primeiros anos após a proclamação da República, a condição nacional do país. Existia a necessidade de consolidar e propagar o Brasil enquanto nação, tanto do ponto de vista interno como externo. Esta era uma das intenções das elites e intelectuais que, durante este período,

---

<sup>39</sup> STEPAN, *Op. cit.*, p. 24.

<sup>40</sup> Não queremos aqui criar uma nova conceituação, apenas enfatizar que a eugenia nazista, radicalizada pelas leis raciais de 1935, não pode ser analisada pelos mesmos parâmetros da eugenia “comum”, existente no mundo até então, e inclusive na própria Alemanha anteriormente. Esse conjunto de leis instaladas pelos nazistas, a partir de 1935, pretendia a criação de uma super raça nórdica e proibiu os casamentos inter-raciais, além de prever esterilizações em massa, e a prática da eutanásia. Sofreram com a radicalidade destas leis, inclusive com prática genocida da eutanásia, para além dos judeus e ciganos durante a 2ª Guerra Mundial, doentes mentais e físicos, homossexuais, alcoólatras, incapazes, idosos, prostitutas, crianças nascidas com má formação, dentre outros casos. Assim o nazismo utilizou-se de ideias eugênicas para legitimar práticas sem nenhum precedente. Os eugenistas, mesmo os alemães, não eram, de forma alguma, favoráveis ao extermínio em massa, sendo que alguns deles, como Franz Kallmann, eram de origem judaica.

<sup>41</sup> SOUZA, V. S. A “eugenia negativa” nos trópicos: a política biológica e a construção da nacionalidade na trajetória de Renato Kehl (1928-1932). In: XII Encontro Regional de História - Usos do Passado, 2006, Niterói. p. 04.

<sup>42</sup> KEHL, R. *Op. cit.*, pp. 15-16.

procuraram atribuir ao país um status que, aos seus olhos, não possuía: o de ser uma *nação*.<sup>43</sup> A ideia de *nação*, na modernidade, consiste de uma associação entre povo e Estado visando o bem comum. Está o conceito vinculado a diversos elementos como povo, território, cultura, corpo de leis, dentre outros. Os eugenistas, enquanto parte da “elite intelectual” brasileira, procuraram dar sua contribuição para a solução do problema da formatação da *nação brasileira*.

Nas primeiras duas décadas do século XX, o Brasil era um líder na América Latina em ciências biomédicas e saneamento, sendo o primeiro a estabelecer formalmente uma sociedade eugênica. A população brasileira era racialmente mista, analfabeta e pobre, e quando surgiu a ciência eugênica a pequena inteligência do país, em grande parte de ascendência europeia, há muito se preocupava com a identidade racial e a saúde da nação. A noção de que o aprimoramento racial poderia ser conseguido cientificamente teve, portanto, considerável atrativo para os médicos e reformadores sociais. Nessas circunstâncias, havia potencial para um movimento extremista de raça e higiene assim como espaço para espaço político para definições menos extremadas do sentido da eugenia para a nação.<sup>44</sup>

O Brasil constitui uma das diversas nações onde, a partir da primeira década do século XX, podemos encontrar manifestações intelectuais referentes à eugenia. Antes do aparecimento das manifestações acerca da eugenia, já existia no país, desde o século anterior, a circulação de idéias racistas e degeneracionistas entre intelectuais e médicos brasileiros.<sup>45</sup> Os movimentos higienista e sanitarista, também fruto deste momento histórico, são muitas vezes colocados como precursores do movimento eugênico brasileiro, tendo em vista o envolvimento de muitos nomes ligados a estes movimentos com a causa eugênica. Nomes como os de Edgar Roquette-Pinto e Belissário Pena, defensores dos ideais higienistas, foram pioneiros na defesa também da eugenia, sempre aderindo à propostas da eugenia positiva, profilática e não radical.<sup>46</sup> A doutrina sanitarista e higienista foi desencadeada pela presença da doença como grande obstáculo a ser superado pelo país, considerando elementos como natureza, clima e raça, o ideário propunha a cura da população através das novas descobertas da microbiologia e bacteriologia, e no conhecimento

---

<sup>43</sup> NALLI, Marcos. O Gene Educado: a antropologia eugênica de Renato Kehl e a educação. 2000. 215 p. Dissertação de Mestrado. Universidade Estadual de Maringá, 2000. p.47.

<sup>44</sup> STEPAN, *Op. cit.*, pp. 20-21

<sup>45</sup> DIWAN, Pietra. Raça Pura: *uma história da eugenia no Brasil e no mundo*. São Paulo: Contexto, 2007. p. 88.

<sup>46</sup> *Idem*, p. 114.

médico implementado pelo poder público.<sup>47</sup>

No Brasil as ideias eugênicas chegaram, em um primeiro momento, como “temas culturais”, encontrando terreno fértil no país já que vieram de encontro com os anseios dos intelectuais. Estes tinham o intento de definir a “raça brasileira”, assim como o próprio país enquanto nação.<sup>48</sup> A “raça” configurava-se como o tema central destas ideias eugênicas que estavam, em um primeiro momento, mais ligadas a teoria darwinista do que propriamente a teoria galtoniana, ainda um tanto quanto obscura por aqui.<sup>49</sup> Existem registros, datados do fim do século XIX, que atestam a defesa da eugenia na legislação matrimonial (obrigação do exame pré-nupcial; proibição do casamento entre sífilíticos e tuberculosos), por parte de Souza Lima.<sup>50</sup> É indiscutível que, em terras brasileiras, a eugenia tenha sido capitaneada por Renato Kehl, mas é importante dizer que antes dele diversos médicos e intelectuais brasileiros já mostravam interesse nas teorias degeneracionistas e racialistas.<sup>51</sup> Essas teorias trazidas por expedições científicas europeias e filhos da elite republicana, e serviam para justificar a impossibilidade do progresso brasileiro tendo em vista a promiscuidade racial de seu povo.<sup>52</sup>

Os primeiros trabalhos acerca da eugenia só vieram a surgir entre nós, a despeito das menções anteriores ao tema, na segunda década do século XX. Os primeiros trabalhos publicados são de autoria de Erasmo Braga, Horácio de Carvalho e João Ribeiro, a quem Renato Kehl, atribui a definição da tradução *eugenia* (em detrimento da forma *eugênica*).<sup>53</sup> Alexandre Tepedino apresentou à Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, no ano de 1914 tese denominada “eugenia”.<sup>54</sup>

Marco inicial na trajetória de Renato Kehl em seus esforços pela eugenia, assim como para o próprio movimento eugênico brasileiro, é a palestra proferida em Abril de 1917. Kehl atendendo a um convite de dois americanos, diretores da Associação Cristã de Moços de São Paulo, fez apresentação com o título *eugenia*.<sup>55</sup>

---

<sup>47</sup> MAI, L. D. Difusão dos ideário higienistas e eugenistas no Brasil. In: BOARINI, M. L. Higiene e raça como projetos. Maringá, Eduem, 2003. p. 45.

<sup>48</sup> MARQUES, V. R. B. A Medicalização da Raça: Médicos, Educadores e Discurso Eugênico. 1ª. ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 1994. p. 52.

<sup>49</sup> *Idem, Ibidem.*

<sup>50</sup> MARQUES, V. R. B. *Op. cit.*, p. 52.

<sup>51</sup> DIWAN, P. *Op. cit.*, p. 88.

<sup>52</sup> *Idem, Ibidem.*

<sup>53</sup> KEHL, Renato. *Op. Cit.*, p. 5.

<sup>54</sup> MARQUES, V. R. B. *Op. Cit.*, p. 52.

<sup>55</sup> *Idem*, p. 53.

Em *Lições* Kehl faz o seguinte relato:

“Em 13 de Abril de 1917 realizamos na ACM de São Paulo a primeira conferência sobre Eugenia, publicada no “Jornal do Commercio” (edição paulista) no dia 19 do mesmo mez. Nella, após um ligeiro exórdio, estudamos a hereditariedade como fundamento da sciencia de Galton, os fatores dysgênicos, Malthus e a Eugenia, o direito e a Eugenia e, como remate, fizemos appello para que fossem divulgadas e praticadas as idéas e preceitos eugênicos, a bem da nacionalidade brasileira.”<sup>56</sup>

Em fins de 1917, em meio às greves que pararam a cidade de São Paulo, o jovem Renato Kehl convocou uma reunião de médicos para discutir as revisões ao código matrimonial civil da nação, que previam a permissão a casamentos consanguíneos.<sup>57</sup>

A fundação da primeira sociedade eugênica brasileira, a Sociedade eugênica de São Paulo (SESP), no ano de 1918, se deu apenas dez e seis anos após o estabelecimento de suas equivalentes, inglesa e francesa, respectivamente.<sup>58</sup> Segundo Kehl, esta sociedade foi fundada em 15 de Janeiro de 1918, sendo a primeira deste tipo da América do Sul.<sup>59</sup> A associação contou, no início, com cerca de 140 associados, dentre eles nomes como os de: Oscar Freire, José Carlos de Macedo Soares, Fernando de Azevedo, Rubião Meira, Arthur Neiva dentre outros.<sup>60</sup> Renato Kehl ocupou o cargo de secretário geral de tal entidade que, a exemplo das sociedades europeias, pautava suas atividades pelos estudos da hereditariedade, educação moral, higiênica e sexual.<sup>61</sup> Apesar do entusiasmo e de contar com nomes ilustres na sua composição, a Sociedade Eugênica de São Paulo sobreviveu apenas por um ano. A instituição não foi capaz de resistir à morte de Arnaldo Vieira de Carvalho, presidente da sociedade, em 1919 e à mudança de Kehl para o Rio de Janeiro. Entretanto, é importante salientar que, embora breve, a sociedade promoveu diversas reuniões, sessões regulares, nas quais se discutiam os avanços feitos na Europa no que se relacionava à eugenia, a necessidade do país de se inserir nos estudos da hereditariedade, da evolução e da influência do meio ambiente, além de discutir também questões ligadas às condições econômicas,

<sup>56</sup> KEHL, Renato. *Op. Cit.*, pp. 15-16. Procuraremos manter a grafia original do português da época de produção do autor em estudo.

<sup>57</sup> STEPAN, Nancy. *Op. cit.*, p. 55.

<sup>58</sup> *Idem*, p. 45.

<sup>59</sup> KEHL, Renato. *Op. cit.*, p.16.

<sup>60</sup> MARQUES, V. R. B. *Op. cit.*, p. 53.

<sup>61</sup> *Idem*, p. 54.

legais e de costumes e hábitos dos brasileiros.<sup>62</sup> Os trabalhos da sociedade não se limitaram apenas aos membros associados. Foram organizadas palestras que colocaram a eugenia na arena pública. Após se estabelecer no Rio de Janeiro, Kehl não conseguiu organizar uma nova sociedade eugênica, mas não desistiu de propagar seus ideais. A eugenia defendida por ele encontraria espaço na nova Liga Brasileira de Hygiene Mental (LBHM), fundada em 1922, pelo diretor da Colônia de Psicopatas do Engenho de Dentro, Gustavo Riedel. A liga tinha como objetivos: a) prevenir as doenças mentais a partir da observação dos princípios da higiene geral, enfatizando o sistema nervoso; b) proteger e amparar no meio social tanto os egressos como aqueles passíveis de internação; c) melhorar a assistência e tratamento aos doentes em asilos públicos, particulares ou mesmo fora deles e d) realizar “um programa de Higiene Mental e Eugenia no domínio das atividades individual, escolar, profissional e social.”<sup>63</sup>

Durante os anos 1920, o movimento eugenista se deslocaria para o Rio de Janeiro, onde ganharia novo fôlego em meio ao crescente nacionalismo que estimulava grande parte da intelectualidade local. Esta movimentação acompanha a trajetória de Renato Kehl que, tendo em vista suas atividades junto ao órgão governamental de saúde, muda-se para a capital federal.

Convencidas do poder da ciência em estabelecer uma nova ordem ao mundo, a elite brasileira entendia que a eugenia poderia desempenhar um papel importante no sentido de auxiliar a regeneração nacional, orientando o Brasil a seguir o trilho do progresso e do tão almejado “concerto das nações civilizadas”. Neste sentido, como explica Nancy Stepan, a “eugenia no Brasil deve ser vista como parte de um entusiasmo generalizado pela ciência como ‘sinal’ de modernidade cultural”. Para o Renato Kehl a eugenia representava muito mais que sinal de modernidade cultural, ela era, em suas palavras: “*mais que ciência, é religião, religião da saúde, do corpo e do espírito – a verdadeira religião da humanidade*”<sup>64</sup>

Embora o movimento eugenista brasileiro tenha sido dominado pelo pensamento lamarckiano, que pregava a transmissão dos caracteres adquiridos e a influência ambiental na hereditariedade, no final da década de 1920, começaram a aparecer por aqui as primeiras cisões entre os adeptos da eugenia: a divisão entre

---

<sup>62</sup> MARQUES, V. R. B. *Op. cit.*, p. 55.

<sup>63</sup> REIS, J. R. F. Higiene Mental e Eugenia: o projeto de regeneração nacional da liga brasileira de higiene mental. 1994. 341p. Dissertação de Mestrado. Universidade de campinas, 1994. p. 50.

<sup>64</sup> KEHL, R. *Op. Cit.*, p. 14.

neolamarckianos e mendelianos se evidenciaria. É interessante notar que essa cisão pode ser considerada consequência da própria expansão da eugenia no país. Apesar disso, não há como classificar todos os envolvidos colocando-os nessa ou noutra categoria. De forma geral, quando analisamos o movimento eugênico brasileiro, até o final dos anos 1920, as idéias neolamarckistas prevaleceriam entre os eugenistas brasileiros, conformando-se perfeitamente aos seus interesses ideológicos e reformistas. No final desta década, no entanto, os pressupostos de August Weismann sobre a continuidade do plasma germinativo e as leis de Mendel passariam, também, a compor o ideário do movimento eugenista nacional. Vale destacar que essa tendência weismann-mendeliana era diametralmente oposta às concepções ambientalistas, concebendo a hereditariedade como uma função inata, uma condição fixa e inerente aos caracteres biológicos dos indivíduos. Para os eugenistas que compartilhavam desta perspectiva nenhuma alteração operada no meio poderia alterar o “estoque genético” ou a hereditariedade.

Segundo Nancy Stepan<sup>65</sup>, os médicos, que até então eram aqueles que mais se ligavam a esse assunto começavam a deparar-se com uma nova geração de cientistas biólogos. Os primeiros atuavam mais na prática, na clínica, visto que a pesquisa científica ainda encontrava-se em fase de implementação. Dado esse caráter mais pragmático da profissão, e muitas vezes ligado a um *status* social, relata que pesquisas ligadas à genética ainda eram muito incipientes nessa área. Além disso, ainda conforme a autora, a bibliografia que se lia por aqui era intermediada, já que muitos médicos não liam alemão ou inglês fluentemente. A predominância das ideias de Lamarck era consequência da influência do pensamento europeu, especialmente da intelectualidade francesa, na cultura brasileira.

Durante os anos 1910 e 1920, a trajetória de Renato Kehl esteve estreitamente associada ao movimento sanitário. Entre 1920 e 1927 desempenhou os serviços de propaganda e educação higiênica do Departamento Nacional de Saúde Pública, estando assim ligado aos preceitos de cunho sanitário. Segundo Souza<sup>66</sup> durante este período, apesar de esporadicamente assumir posições ambíguas quanto às questões eugênicas, defendeu, de maneira geral, um modelo

---

<sup>65</sup> STEPAN, N. *Op. cit.*

<sup>66</sup> SOUZA, V. S. A "eugenia negativa" nos trópicos: a política biológica e a construção da nacionalidade na trajetória de Renato Kehl (1928-1932). In: *XII Encontro Regional de História - Usos do Passado*, 2006, Niterói. p. 02.

de eugenia que em muito se confundia com os pressupostos da medicina social. Suas concepções, neste momento, estavam ligadas a um tipo de “eugenia preventiva”, responsável pela higiene e pela profilaxia das doenças e dos “vícios sociais” e, por outro, pela “eugenia positiva”, cujas medidas consistiam em estimular a educação sanitária, sexual e moral dirigida à população.<sup>67</sup> Este panorama de pensamento delineado seria modificado, a partir do final dos anos 1920, como abordaremos no próximo capítulo. Kehl passa a se posicionar em favor de uma eugenia mais dura. Tem participação na publicação *Boletins de Eugenia*. Nos Boletins de Eugenia editados por Renato Kehl, entre os anos de 1929 a 1931, é possível verificar a convergência entre as preocupações dos eugenistas e as do Estado. Entre os vários artigos, é comum encontrar textos relacionados à concepção consciente, mortalidade infantil, exames pré-nupciais, puericultura, saúde, higiene educação sexual.<sup>68</sup> Não é por menos que os eugenistas viam no novo governo uma oportunidade para consolidar algumas de suas aspirações nacionalmente. Em 1931, Renato Kehl organiza a Comissão Central Brasileira de Eugenia, no Rio de Janeiro. A comissão tinha como objetivos principais intensificar o estudo e a propaganda da Eugenia no país, além de ser um pólo de convergência e de difusão de idéias, ensinamentos. Kehl continuaria na propagação dos intentos eugênicos durante a década de 1930. Durante esta década, com a alteração das condições políticas em que a ciência eugênica se desenvolvia, a eugenia brasileira e latino-americana, também por meio das produções de Kehl, assume uma forma mais negativa de hereditariedade, raça e gênero. Na esteira da depressão e das novas leis de imigração nos EUA surgiram na América Latina ideologias conservadoras, sentimento xenófobo e o racismo tornou-se mais explícito.<sup>69</sup>

Após a Segunda Guerra mundial, quando muitos dos que se declaravam eugenistas acabaram abandonando a questão, Kehl seguiu divulgando suas ideias eugênicas, mas reorientou seus estudos para uma área em formação no Brasil: a psicologia.<sup>70</sup>

---

<sup>67</sup> SOUZA, V. S. A "eugenia negativa" nos trópicos: a política biológica e a construção da nacionalidade na trajetória de Renato Kehl (1928-1932). In: *XII Encontro Regional de História - Usos do Passado*, 2006, Niterói. p. 02.

<sup>68</sup> *Idem, Ibidem.*

<sup>69</sup> STEPAN, N. Op. cit., p. 216.

<sup>70</sup> DIWAN, P. Op. cit., p. 150.

<sup>71</sup> Kehl é considerado um dos pioneiros no estudo da psicologia da personalidade no Brasil. Atualmente é patrono da cadeira nº 13 da Academia Paulista de Psicologia.

## 1.2 Os fundamentos da eugenia de Renato Kehl

Falemos agora sobre os fundamentos do pensamento eugênico de Renato Kehl, ou seja, sobre a natureza, as origens e a validade do “conhecimento” por ele formulado em *Lições*. A concepção eugênica do autor se ampara nas leis de evolução e hereditariedade. Assim utiliza-se dos referenciais teóricos concebidos de Robert Charles Darwin e sua teoria da evolução, mas também e principalmente de três teóricos acerca da hereditariedade: Mendel, Weismann e Galton.<sup>72</sup> Podemos acrescentar a estes ainda o naturalista francês Jean-Baptiste Lamarck. Na obra *Lições de Eugenia* encontramos explícita referência a estes cientistas, especialmente na 10ª Lição (ou capítulo), denominada *Fundamentos da Eugenia*, onde o autor se alonga principalmente na explicação da teoria do hibridismo, de Gregor Mendel.<sup>73</sup>

O mérito de Mendel deve-se as suas contribuições para um novo entendimento do fenômeno da hereditariedade, sendo que com estas descobertas, principalmente através de seus estudos experimentais com ervilhas, instauram-se os novos pilares teóricos e conceituais acerca da hereditariedade, principalmente no que concerne a continuidade e perpetuação da espécie mediante a extraordinária possibilidade combinatória dos cromossomos.<sup>74</sup> O “célebre monge austríaco”, como Kehl denomina Mendel tem sua *Lei de disjunção hereditária*, conhecida hoje como *Primeira Lei de Mendel*, explicada como uma das bases de sua eugenia.<sup>75</sup> Kehl explica esta premissa dizendo que durante a formação dos gametas, cada membro de um par de cromossomos se separa em metade das células sexuais, de modo que metade dos gametas carrega um membro e a outra metade porta o outro par de genes.<sup>76</sup>

August Weismann, e sua teoria da continuidade do plasma germinativo,

---

<sup>72</sup> NALLI, M. A. G. Antropologia e Segregação Eugênica: Uma Leitura das Lições de Eugenia de Renato Kehl. In: BOARINI, M. L. (organizadora). *Higiene e Raça como Projetos: Higienismo e Eugenismo no Brasil*. Maringá: Eduem, 2003. p. 169.

<sup>73</sup> KEHL, Renato. *Op. cit.*, p. 130.

<sup>74</sup> NALLI, M. A. G. 2003. *Op. cit.*, p. 169.

<sup>75</sup> KEHL, Renato. *Op. Cit.*, p. 134.

<sup>76</sup> NALLI, M. A. G. 2003. *Op. cit.*, p. 169.

também constituem um dos pilares epistemológicos da eugenia de Kehl.<sup>77</sup> Em 1890 o biólogo alemão propôs a sua teoria da continuidade do “plasma germinativo”. O alemão propunha que o plasma germinativo independeria do restante da célula, sendo assim transmitido continuamente de geração para a seguinte, sem alterações advindas de fatores externos. As idéias de Weismann contrapunham-se a teoria de transmutação do biólogo francês Jean Baptiste Lamarck, que postulava a herança dos caracteres adquiridos.<sup>78</sup> Em *Lições*, Kehl explica da seguinte maneira:

Quando uma célula-ovo começa a se segmentar-se em que deverão formar um novo indivíduo, um pouco de plasma germinativo é posto de lado para constituir, posteriormente, o material germinativo das gerações sucessivas.<sup>79</sup>

Outra importante base para o pensamento eugênico de Kehl reside na Biometria de Galton, sendo um campo de pesquisa que pretende estudar o indivíduo sob os aspectos antropológico, genético e sociológico.<sup>80</sup>

Para Kehl era fundamental, para a feitura de uma obra que tinha por objetivo compendiar em linguagem simples e clara, “*todas ou pelo menos as principais questões (acerca da eugenia)*”<sup>81</sup>, que estes estivessem fundamentados cientificamente, principalmente de acordo com as teorias mais modernas de Mendel e Weismann. Vemos então, na análise de *Lições*, que Darwin e Lamarck não aparecem como os grandes referenciais para os eugenistas, na visão de Kehl, mas sim geneticistas mais específicos que formularam as teorias neo-darwinistas das quais a eugenia de Kehl é tributária.<sup>82</sup>

Os três teóricos principais aos quais Kehl faz menção (Mendel, Weismann e Galton), contribuirão de diferentes formas para a formação de uma rede teórica, que, de forma complementar, vieram a formar um caldeirão de ideias, e toda uma teoria.<sup>83</sup>

Tanto a reconstrução histórica, quanto os propósitos eugênicos (aplicação sociológica) formulados por Kehl são marcados pela característica do determinismo genético.<sup>84</sup> Reduz o autor a diversidade humana a fatores biológico-evolutivos, notadamente nos assuntos relativos à hereditariedade, sendo que isso ocorre por

<sup>77</sup> NALLI, M. A. G. 2003. *Op. cit.*, p. 170.

<sup>78</sup> STEPAN, N. *Op. Cit.*, p. 32.

<sup>79</sup> KEHL, R. *Op. Cit.*, p. 66.

<sup>80</sup> NALLI, M. A. G. 2003. *Op. cit.*, p. 170.

<sup>81</sup> KEHL, R. *Op. Cit.*, Introdução.

<sup>82</sup> NALLI, M. A. G. 2003. *Op. cit.*, p. 170.

<sup>83</sup> DIWAN, Pietra. *Op. cit.*, p. 128.

<sup>84</sup> NALLI, M. A. G. 2003. *Op. cit.*, p. 171.

conta de sua defesa das teorias de Mendel, Weismann e Galton, que refutam a hipótese de transmissibilidade dos caracteres adquiridos.<sup>85</sup>

No que tange aos fatores epistemológicos do pensamento de Kehl, em especial no que tange a Genética e ao Neo-darwinismo, o autor não parece conceber a possibilidade de alguma interação entre os fatores genéticos e os demais fatores sistêmicos que interferem e condicionam o desenvolvimento do organismo, especificamente o organismo humano como ambiente, condições sociais, econômicas e culturais.<sup>86</sup> Assim podemos considerar que a eugenia propalada pelo autor é marcada, especialmente à partir da obra em estudo, por um determinismo genético, sendo dotada de uma visão naturalista e a-histórica da relação entre o indivíduo e a sociedade.<sup>87</sup>

Quanto ao caráter das raízes antropológicas da ideia de eugenia de Renato Kehl, podemos dizer que este aspecto estava ligado ao grande problema diagnosticado pela elite intelectual brasileira: a chamada questão nacional, ou seja, a questão de como o Brasil poderia se configurar como nação. Marcos Nalli<sup>88</sup> aponta a concepção antropológica de Renato Kehl, através da análise de *Lições*, apontando três temas principais: sua abordagem dos tipos antropológicos enquanto tipos eugênicos; sua franca oposição às políticas de imigração no Brasil; e sua explanação sobre o que denominou *fatores disgênicos*. A questão dos tipos antropológicos era uma questão de cunho racial proeminente: consistia, basicamente, na determinação das principais características de cada grupo racial, e que relações havia entre tais grupos raciais, e que relações havia entre tais grupos. Kehl deslocou essa discussão para a caracterização dos tipos eugênicos. Neste contexto de caracterização o dado importante consiste no fato de que para Kehl não havia um tipo ideal padrão que servisse de modelos para os demais, havia apenas uma linha de mediana onde os sujeitos se enquadravam. Resulta disto duas classes de tipos eugênicos: a *aristogenia*, que se configura como a classe genética eugenicamente superior, e a *cacogenia* constituída de indivíduos inferiores. Estes últimos poderiam adquirir um caráter genético degradante denominado *disgenia*. O escopo da eugenia de Kehl, então, consistiria no direcionamento das variações eugênicas em direção a *aristogenia*. Neste sentido Kehl passa a combater a prática

---

<sup>85</sup> NALLI, M. A. G. 2003. *Op. cit.*, p. 171.

<sup>86</sup> *Idem, Ibdem.*

<sup>87</sup> DIWAN, Pietra. *Op. cit.*, p. 134.

<sup>88</sup> NALLI, M. A. G. 2003. *Op. cit.*, pp. 172-175.

da miscigenação e da política imigratória “indiscriminada”, tendo em vista que estas questões dificultariam a política de purificação racial e consolidação da classe aristogênica.

Ainda tratando das relações antropológicas Kehl aborda o que denominou *fatores degenerativos*, ou *fatores disgênicos*, que seriam condições responsáveis por toda a espécie de degradação humana (física, psíquica, moral e intelectual), passível de ser transmitida por via genética as gerações futuras. O grande objetivo de Kehl é conter os “fatores disgênicos”, na impossibilidade de eliminá-los, de tal modo que se consiga tanto uma depuração racial, visando o branqueamento, pautando-se na teoria mendeliana da hereditariedade, principalmente nas Leis da Disjunção e da Hibridação.<sup>89</sup>

---

<sup>89</sup> NALLI, M. A. G. Antropologia e Racismo no Discurso Eugênico de Renato Kehl. *Teoria e Pesquisa*, São Carlos. p. 138.

## 2. APROXIMAÇÃO DE RENATO KEHL À EUGENIA NEGATIVA

Nos anos 30, a cultura brasileira já teria superado as teorias raciológicas, sendo que a preocupação estatal residia a partir daí em consolidar o crescimento social, impondo então outro tipo de interpretação do Brasil como a prevista pelo modernismo e ratificada posteriormente por Gilberto Freyre.<sup>90</sup> O discurso médico eugênico, no entanto, apontava para outra direção, pois realçava a diferença entre os brasileiros, intervindo na solução para contrabalançar a “falsa solução da miscigenação”.<sup>91</sup>

Esta discussão se deu também dentro do movimento eugênico brasileiro. Já comentamos aqui sobre o movimento de aproximação da eugenia brasileira ao higienismo de forma breve, mas recapitulemos. A eugenia brasileira em geral representava uma variação da eugenia emanada da Europa e EUA, e consistia em uma variação inerente também aos outros países latino-americanos, que era fundamentalmente não mendeliana.<sup>92</sup> Na Grã-Bretanha, por exemplo, a eugenia era pautada nas teorias de Weismann e Mendel, e havia uma grande distinção entre natureza e cultura.<sup>93</sup> Muitos médicos e eugenistas latino-americanos, no entanto, pautaram-se, de maneira oposta, em uma concepção *neolamarckista*, reinterpretação da teoria lamarckiana, que estava em cheque no início do século XX, por ocasião da interpretação weismann-mendeliana da hereditariedade.<sup>94</sup> O *neolamarckismo* aderido pelos eugenistas brasileiros alinhava-se com um conceito de eugenia mais suave, onde as mudanças ambientais poderiam melhorar a condição dos indivíduos e suas proles. Esta concepção tinha certa dominância no cenário médico eugênico latino-americano, pelo fato de ser teoria dominante, ainda na década de 1930, na França. Este país por sua vez era a fonte principal de cultura dos países do continente, sendo o francês, muitas vezes, o segundo idioma de muitos intelectuais

---

<sup>90</sup> MARQUES, V. R. B. *Op. cit.*, p. 68.

<sup>91</sup> *Idem, Ibidem.*

<sup>92</sup> STEPAN, Nancy Leys. *Op. cit.*, p. 76.

<sup>93</sup> *Idem, Ibidem.*

<sup>94</sup> *Idem*, pp. 78-79.

destes países.<sup>95</sup>

Este momento em que as ideias eugenistas de Renato Kehl se radicalizam, ocorre simultaneamente a efervescência do movimento eugênico europeu, notadamente na Alemanha. Renato Kehl procurou alinhar-se com as tendências científicas europeias, correspondendo-se com instituições como o *Instituto de Antropologia de Viena*, na Áustria, e o *Instituto de Biologia Racial de Uppsala*, na Suécia.<sup>96</sup> Esta participação em rede global de pesquisa, buscando as ideias mais avançadas disponíveis, colocam Kehl em uma posição de vanguarda na 'ciência' eugênica na América Latina. Nesta região do mundo a eugenia não costumava estar associada, como na Grã-Bretanha, a controvérsias sobre os méritos relativos à biometria e a genética mendeliana.<sup>97</sup> Renato Kehl passa se apropriar destes termos e a expressar ideias eugênicas negativas, inspiradas nos conceitos alemães de controle deliberado da reprodução humana.<sup>98</sup>

Coincidência ou não, as ideias de R. Kehl se radicalizaram a partir de um contexto em que ascendia no Brasil um movimento nacionalista, de ordem política e cultural, que visava “salvar a nação”.<sup>99</sup> O contexto mundial do entreguerras fomentava a gênese de regimes totalitários como o nazismo alemão, que teria levado a eugenia as últimas consequências. A eugenia, no entanto, e como bem demonstra Diwan<sup>100</sup>, foi movimento que manifestou-se em diversos países, de formas diversas, mas também interligadas, como podemos detectar na obra de Kehl. Na obra em análise podemos constatar o diálogo com diversos cientistas europeus e norte-americanos, denotando o caráter mundial do movimento eugênico.

Como a presente pesquisa já delineou, o pensamento de Renato Kehl acerca da eugenia passou, a partir do final da década de 1920, a adquirir um tom mais radical, propondo práticas que podem ser enquadradas dentro do conceito de eugenia negativa. As medidas defendidas pelo autor podem ser mais

<sup>95</sup> STEPAN, Nancy Leys. *Op. cit.*, pp. 82-83.

<sup>96</sup> SOUZA, V. S. . A "eugenia negativa" nos trópicos: a política biológica e a construção da nacionalidade na trajetória de Renato Kehl (1928-1932). In: *XII Encontro Regional de História - Usos do Passado*, 2006, Niterói. p. 03.

<sup>97</sup> STEPAN, Nancy. *Op. cit.*, p. 49.

<sup>98</sup> KEHL, Renato. *Lições de Eugenia*. Rio de Janeiro: Editora Francisco Alves, 1º edição, 1929, p. 150.

<sup>99</sup> NALLI, Marcos. Antropologia e Racismo no Discurso Eugênico de Renato Kehl. *Teoria & Pesquisa*, São Carlos, v. 47, p. 128. *Apud*: OLIVEIRA, Lúcia Lippi. *A Questão Nacional na Primeira República*. São Paulo: Brasiliense, 1990.

<sup>100</sup> DIWAN, Pietra. *Raça Pura: uma história da eugenia no Brasil e no mundo*. São Paulo: Contexto, 2007.

especificamente apontadas como: a “esterilização dos degenerados”, controle médico/estatal dos casamentos, segregação compulsória (de alienados e ex-alienados) por motivo eugênico, proibição da imigração de indivíduos de raça negra e amarela. É importante dizer que neste campo Kehl estava relativamente isolado na questão de produção acerca do tema de eugenia negativa, visto que nos arquivos da Liga Brasileira de Higiene Mental, poucos artigos fazem menção a essas medidas eugênicas mais “duras”, com exceção notória de Renato Kehl.<sup>101</sup> Isto não quer dizer que Kehl fosse o único indivíduo no meio a ser favorável a inserção de tais medidas. Esta posição mais radical passa a ter adesão de boa parte dos integrantes da Liga Brasileira de Higiene Mental, que pode ser comprovada pela divulgação de tais ideias em seu veículo editorial: *O Boletim de Eugenia*. Teve também o apoio de outros intelectuais, como Monteiro Lobato, assim como promessas políticas de positividade legislativa da eugenia.<sup>102</sup> Segundo Reis, é lícito supor que desde que a ideia eugênica acampou em terras brasileiras, essas propostas mais radicais habitavam a imaginação de certos psiquiatras em seu propósito regeneradores da raça humana.<sup>103</sup> Ocorre, talvez, que nem mesmo aqueles que sempre optaram por esse caminho mais duro estivessem dispostos a defender abertamente certas ideias cujo teor era demasiado polêmico por conta de resistência de setores da sociedade como, por exemplo a Igreja Católica.<sup>104</sup> É fato também que no decorrer da década de 1930, a eugenia radical vai ganhando mais adeptos no meio médico, mas Kehl se demonstrou ainda na década anterior como um solitário e pioneiro propagador de tais ideias.

Outro ponto a ser citado, para chegarmos a abordagem da questão, é o já mencionado paulatino distanciamento do pensamento de Kehl das propostas de medidas mais brandas dos demais eugenistas e higienistas brasileiros, assim como diálogo intentado por Kehl com institutos de eugenia europeus e norte-americanos. É neste momento que o autor em estudo se distancia da eugenia latino-americana, que não era caracterizada por um arcabouço científico tão vasto, sendo dotada de uma visão mais sociológica do que biológica, e de uma abordagem ligada ao

---

<sup>101</sup> REIS, José Roberto Franco. Degenerando em Barbárie: A hora e a vez do eugenismo radical. In: BOARINI(org). *Higiene e raça como projetos: higienismo e eugenismo no Brasil*. Maringá: Eduem. 2003. p.188.

<sup>102</sup> DIWAN, Op. cit., p. 105.

<sup>103</sup> *Idem*, p.189.

<sup>104</sup> REIS, José Roberto Franco. *Op. cit.*, p.189.

*lamarckismo*.<sup>105</sup> Passa então a se aproximar de ideias que além de mais radicais, do ponto de vista de suas medidas, também contavam com enfoque mormente biológico seguindo os preceitos do *mendelismo*. Assim Renato Kehl, apesar de reconhecer a importância das medidas higienistas, torna-se progressivamente mais cético quanto a capacidade da “eugenia preventiva” para o melhoramento da formação da população nacional.<sup>106</sup> Esta é também uma questão a ser analisada: a ligação dos ideais da eugenia, e dos eugenistas, com a construção da nação e do discurso nacionalista.<sup>107</sup> Diante da ascensão dos nacionalismos latino-americanos no entre-guerras, muitos intelectuais latino-americanos ao examinarem suas “identidades nacionais” concluíram que lhes faltava uma verdadeira nacionalidade sob a qual pudessem erigir um nacionalismo apropriado.<sup>108</sup> Eugenistas, como Renato Kehl, faziam parte desta intelectualidade e buscavam adotar técnicas biológicas para a construção de um “povo brasileiro”.

Segundo Vanderlei de Souza<sup>109</sup> o processo de ruptura de Kehl com a eugenia mais suave iniciou-se, mais precisamente, em 1927, quando Renato Kehl desligou-se do Departamento Nacional de Saúde Pública para dedicar-se exclusivamente às funções de Diretor da Indústria Química e Farmacêutica Casa Bayer. Essa função de diretor de uma indústria privada alemã e a trajetória que seguiria posteriormente, aliado a boa receptividade da eugenia no Brasil e as polêmicas que estas idéias vinham suscitando no meio intelectual, contribuíram para um processo de mudança em sua carreira profissional, em seu pensamento intelectual, em suas posições ideológicas e na maneira de conceber a realidade nacional.

O programa eugênico de Renato Kehl, de forma geral, sofreu forte influência das discussões que os eugenistas norte-americanos, alemães e ingleses vinham desenvolvendo desde o início do século XX. Essa aproximação com um modelo de eugenia mais radical, sobretudo ao estilo da “higiene racial” alemã ficou mais claro a partir do final dos anos 1920 quando Renato Kehl realizou uma viagem de cinco

---

<sup>105</sup> STEPAN, *Op. cit.*, p.76.

<sup>106</sup> SOUZA, V. S. A "eugenia negativa" nos trópicos: a política biológica e a construção da nacionalidade na trajetória de Renato Kehl (1928-1932). In: *XII Encontro Regional de História - Usos do Passado*, 2006, Niterói. p.p.6.

<sup>107</sup> STEPAN, *Op. cit.*, p.117.

<sup>108</sup> *Idem*, p.118.

<sup>109</sup> SOUZA, V. S. A Política Biológica como Projeto: a 'eugenia negativa' e a construção da nacionalidade na trajetória de Renato Kehl (1917-1934). *Dissertação de Mestrado* em História das Ciências, Casa de Oswaldo Cruz. 2006.

meses pela Alemanha.<sup>110</sup> O contato que se deu nesta viagem entre o brasileiro e as instituições eugênicas alemãs, como o Instituto de Eugenia de Berlin por exemplo, e ainda com eugenistas como Eugen Fischer, Herman Muckermann, Herman Lundborg, despertou a atenção de Kehl para as principais questões que dominavam os movimentos eugênicos no norte da Europa como a seleção social e a aplicação da política eugênica, como um programa para a política nacional.<sup>111</sup> A impressão que Kehl obteve pela observação do panorama alemão, por ocasião de sua viagem ao país, foi a de que este país mostrava grande preocupação com a capacidade racial da população e com a produção de um maior número de homens válidos. Seria possível, segundo Renato Kehl, como no caso da Alemanha, construir no Brasil “condições preliminares mais necessárias a reconstrução da cultura presente.

O plano eugênico alemão de construir uma “raça forte”, preservando a tradição arianista e o ideal de formação de um homem superior, causou grande impressão eugenista brasileiro. Em *Lições de Eugenia*, podemos constatar algumas referências elogiosas ao movimento eugênico alemão. Nesta obra é que Kehl passa a sugerir as medidas eugênicas que caracterizavam a eugenia negativa alemã.<sup>112</sup>

Mais sintomático ainda foi o fato do autor destacar na segunda edição deste livro, publicado em 1935, a importância da criação do “Tribunal Eugênico” alemão, no qual Hitler havia instituído “um verdadeiro Código de proteção racial”. Em suas palavras, é na Alemanha “onde se pratica, atualmente, a eugenia com mais amplitude e coragem”.

Renato Kehl havia retornado de sua viagem a Europa, no ano de 1928, com anotações, bibliografia e impressões recolhidas em suas visitas aos institutos de Eugenia no norte Europeu. Logo após este contato mais aproximado com as teorias e práticas da eugenia europeia, notadamente da eugenia alemã, o autor passa a se dedicar a escrita de seu compêndio *Lições de Eugenia*. Como parece ter acontecido, a escrita de *Lições* foi um esforço do seu autor para colocar em ordem a ciência eugênica que ele havia encontrado em solo europeu.

A obra *Lições de Eugenia*, quando de sua publicação, foi cercada de diversas polêmicas tendo em vista alguns temas que tratava, sendo que estas polêmicas

---

<sup>110</sup> ROBERT, Wegner. Renato Kehl, a eugenia alemã e a doença de Nietzsche. *Anais do XXVI Simpósio Nacional de História* – ANPUH. São Paulo, julho 2011. p. 03.

<sup>111</sup> WEGNER, R. *Op. cit.*, p. 03.

<sup>112</sup> SOUZA, V. S. A Política Biológica como Projeto: a 'eugenia negativa' e a construção da nacionalidade na trajetória de Renato Kehl (1917-1934). Dissertação de Mestrado em História das Ciências, Casa de Oswaldo Cruz. 2006. p. 141.

possibilitaram sua ampla divulgação na imprensa. Os intelectuais brasileiros ficaram divididos quanto às novas idéias trazidas por Kehl, quando tratava da eugenia relacionada ao determinismo biológico.<sup>113</sup> Se os eugenistas brasileiros ficaram divididos entre os elogios e as críticas negativas ao trabalho de Kehl, as menções ao trabalho vindas do exterior soaram de forma diferente. Vários eugenistas de importância na Europa, Estados Unidos e na América Latina fizeram comentários elogiosos ao conteúdo do livro. O alemão Eugène Fischer, importante eugenista, em correspondência com Kehl fez elogios ao trabalho, assim como o americano E. S. Gosney, que fez crítica positiva a menção da esterilização compulsória.<sup>114</sup> Na Espanha, onde *Lições* teve publicação em idioma local, Luis Huerta, eugenista mais destacado deste país, salientou também a qualidade da obra. Esta tradução para o idioma espanhol foi bem aceita nos países da América Latina, como México, Argentina, Cuba e Peru, países onde o nome de Renato Kehl já era conhecido no meio médico.<sup>115</sup>

A recepção do público brasileiro, formado por intelectuais, médicos, educadores e cientistas, pode ser considerada como muito boa, tendo em vista que a primeira edição, de 1929, teve em poucos meses todos os seus exemplares esgotados.<sup>116</sup> O livro foi, provavelmente, um esforço de Kehl para organizar os conhecimentos adquiridos na Europa, notadamente na Alemanha, e lançar as ideias de forma a atingir as discussões do Primeiro Congresso Brasileiro de Eugenia, acontecido naquele ano. Kehl acreditava que sua obra poderia funcionar como parâmetro científico das discussões, por considerar o autor que não só a opinião pública em geral, mas muitos médicos, ignorava os “verdadeiros preceitos da eugenia.”<sup>117</sup>

---

<sup>113</sup> SOUZA, V. S. A Política Biológica como Projeto: a 'eugenia negativa' e a construção da nacionalidade na trajetória de Renato Kehl (1917-1934). Dissertação de Mestrado em História das Ciências, Casa de Oswaldo Cruz. 2006. p. 151.

<sup>114</sup> *Idem*, p. 138.

<sup>115</sup> *Idem*, p. 139.

<sup>116</sup> *Idem*, p. 138.

<sup>117</sup> *Idem*, p. 140.

### 3. EUGENIA NEGATIVA EM *LIÇÕES DE EUGENIA*

#### 3.1 CONCEITO

A “eugenia negativa” consiste em um segundo aspecto do ideal eugênico que se ocupa, basicamente, em diminuir o número de indivíduos não eugênicos ou disgênicos com a limitação do casamento e/ou procriação destes.<sup>118</sup> Esta vertente da doutrina propunha maior controle, neste caso governamental, sobre o casamento e a reprodução. Este controle se daria através de exames pré-nupciais e estudos genéticos, assim como pela supressão, em alguns casos, da imigração e miscigenação, sendo proibida então a reprodução em casos de idade materna avançada, cosanguinidade do casal, dentre outros motivos que abarcam também questões raciais.

As interpretações históricas da eugenia costumam tomar como centro de suas análises as manifestações da eugenia negativa, sendo que estas manifestações são consideradas como exceções no contexto eugênico latino-americano.<sup>119</sup> Práticas como o aborto, a esterilização ou outra prática de controle de natalidade nunca foram legalizadas como medidas eugênicas.<sup>120</sup>

Uma das exceções de autor produtor de ideário ligado a eugenia negativa, de base mais radical, é o foco desta pesquisa. Como delineamos no capítulo anterior, Renato Kehl passa a partir de sua viagem à Europa, e a posterior produção de *Lições de Eugenia*, a agregar ideias deste conceito em suas produções. A obra em análise congrega ideias radicais e também mais moderadas. Assim passamos a análise de alguns pontos de sua obra em que podemos notar a presença de tais teorias e práticas propostas.

---

<sup>118</sup> MAI, L. D.; ANGERAMI, E. L. S. Eugenia negativa e positiva: significados e contradições. Revista Latino-Americana de Enfermagem (Ribeirão Preto), Ribeirão Preto/SP, v. 14, n.2, 2006. p. 254.

<sup>119</sup> STEPAN, *Op. cit.*, p. 115.

<sup>120</sup> *Idem, Ibidem.*

### 3.2 REGULAMENTAÇÃO EUGÊNICA DO CASAMENTO

Uma das plataformas da eugenia negativa da reprodução consistia na regulação eugênica do casamento. O teste pré-nupcial, ou certificado para casamento, era a forma mais direta de proscricção eugênica, resultando em alguns países em regras legislativas compulsórias de natureza negativa.<sup>121</sup> Nancy Stepan defende que os exames pré-nupciais ocuparam um aspecto central nos movimentos eugênicos da América Latina, sobretudo no discurso acerca de gênero, raça e identidade biológica da nação. A legalização do exame pré-nupcial deu início a uma relação estreita entre a campanha eugênica e a ciência jurídica, o que se configura como uma das características da eugenia brasileira.<sup>122</sup> Renato Kehl trata deste tipo de exame em suas obras, tendo sido ele o primeiro a introduzir o assunto no país, na primeira reunião da recém-fundada Sociedade Eugênica de São Paulo, em 1918.<sup>123</sup> Os eugenistas defendiam a necessidade destes tipos de exame indicando o dano hereditário que poderia ser eliminado das populações se os indivíduos eugenicamente insalubres, como os sífilíticos, por exemplo, fossem impedidos de casar-se.<sup>124</sup> As palavras de Renato Kehl esclarecem a importância estratégica da questão dentro da lógica eugênica, para que fosse atingindo o objetivo de regeneração da raça brasileira:

O Estado um dia assumirá o “controle” do “crescei e multiplicaie-vos”; começará organizando a genealogia de toda a gente. (...) Será com isso criado o “registro genealogico official”, repartição importantíssima, destinada a assignalar as nobrezas physicas, intellectuaes e maraes da elite(...)Um individuo para casar-se terá de sujeitar-se a uma minuciosa analyse do seu registro e da sua propria pessoa; só depois da folha corrida, fornecida pela repartição genealógica e do attestado de sanidade, terá o honroso direito ao casamento prolífico.

Como podemos perceber no excerto de *Lições de Eugenia* o controle da

<sup>121</sup> STEPAN, *Op. cit.*, p. 131.

<sup>122</sup> CASTAÑEDA, L. A. Eugenia e Casamento. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos Rio de Janeiro*, vol 10 (3), 901-30 set. – dez. 2003. p. 916.

<sup>123</sup> *Idem*, p. 133.

<sup>124</sup> *Idem, Ibidem*.

hereditariedade, casamento e prole deveria se dar através de um órgão de regulação. Este modelo de organização estava se desenvolvendo nos Estados Unidos, com a fundação, em 1910, do Eugenics Record Office (ERO) e posteriormente dos Eugenics Registry (ER). A primeira instituição tratava-se de um escritório de registros eugênicos, dirigido pelo geneticista Charles Davenport e tinha por escopo estudar os traços da hereditariedade norte-americana, fomentar a reprodução dos qualificados e impedir a dos “defeituosos”. A segunda instituição constituía em um banco de dados, que pretendia ter abrangência sobre toda a “hereditariedade nacional norte-americana”, foi fundado e financiado pelo médico e religioso adventista John Harvey Kellogg.<sup>125</sup> Estes institutos são citados por Kehl, em suas obras, sendo que podemos inferir que poderiam estar sendo tomados como modelo para seu intento de catalogar o *pedigree* da hereditariedade brasileira.

Segundo Kehl, havia um consenso sobre as vantagens do exame pré-nupcial, o que estava em discussão, entre advogados, médicos e políticos, era o melhor meio de se estabelecer esse exame de modo prático e aceitável pelo público. Nesse sentido, a obrigatoriedade de uma lei se fazia indispensável para a defesa eugênica.

A obrigatoriedade tem, entre outros, o proveito de alcançar todos os nubentes, sem qualquer distinção, não dando motivo a exceções, a queixas, a revoltas. Todos os candidatos ao matrimônio seriam obrigados ao exame, observando a lei, sem prevenções nem antipatias. Já não se dará o mesmo com dispositivos facultativos ou condicionais.<sup>126</sup>

*Lições de Eugenia* pode nos fornecer subsídios, mais pormenorizados, de como se dariam e no que consistiam tais exames, tendo em vista que a obra conta com algumas páginas acerca do tema, além de anexos referentes a um modelo de atestado médico pré-nupcial a ser adotado. Segundo o autor tal exame deve ser exigido por candidatos de ambos os sexos para afastar “*indivíduos suspeitos de contaminar o outro cônjuge*”, permitindo apenas o casamento de indivíduos “*sãos e aptos a procriação sã*.”<sup>127</sup> Segundo o autor, ainda, o exame seria realizado pelo médico de família, e não por um médico de livre escolha.<sup>128</sup> A abrangência deste exame, segundo Kehl, estaria localizada na busca de sinais de dois tipos. Primeiramente, o exame deveria atentar para o “estado geral” do indivíduo, na busca

---

<sup>125</sup> DIWAN, P. *Op. cit.*, pp. 56-57.

<sup>126</sup> KEHL, Renato. *Op. Cit.*, p. 161.

<sup>127</sup> *Idem*, p. 264.

<sup>128</sup> *Idem, Ibidem*.

de: “*deformidades e de doenças familiares, de alcoolismo, de tuberculose (exame do escarro), de lepra, de câncer, de doenças mentaes e nervosas (puncção lombar em casos especialíssimos)*”.<sup>129</sup> Em um segundo momento deveria o médico encarregado atentar para a existência de doenças venéreas, em especial a sífilis, que auferida através da análise de *estigmas e reações serológicas*”, e a *blenorragia*.<sup>130131</sup>

Podemos ver, através da análise do exame pré-nupcial prescrito por Kehl, que apesar de propor uma medida eugênica alinhada aos conceitos da eugenia negativa (o exame pré-nupcial), ainda havia resquícios dos conceitos lamarckistas em seu ideário. Muitos eugenistas latino-americanos foram formados em um ambiente científico de orientação neolamarckista, Renato Kehl inclusive e, mesmo que alinhados posteriormente as ideias mendelianas, ainda traziam alguns conceitos relativos à sua formação e experiências progressas. Compreensível então a “mistura” de conceitos, tendo em vista a recente aproximação ao mendelismo, por parte de Kehl, e a cultura neolamarckista persistente. Já se disse sobre o lamarckismo que “*talvez nenhuma hipótese biológica tenha sido tão exaustivamente testada, e tampouco tenha sido abandonada com tamanha relutância.*”<sup>132</sup> Esta formação neolamarckiana existente fez, talvez, com que Kehl, assim como outros eugenistas brasileiros, colocasse no rol dos interditados para o casamento sujeitos com doenças venéreas.<sup>133</sup> Como se acreditava também que o álcool poderia danificar o plasma germinativo (teoria de weismann), e assim a geração subsequente, Kehl também sugeriu a restrição do casamento de alcoólatras.<sup>134</sup>

Outro ponto a ser considerado, com relação a regulação do casamento, era a discussão da regulação jurídica deste. Muitos países latino-americanos, inclusive o Brasil, reconheciam o casamento civil, sendo que os eugenistas desejavam utilizar a legislação para regular o casamento de forma eugênica. Em nossa fonte surgem críticas a legislação relativa ao casamento, constantes do relativamente novo, mas com um conteúdo já envelhecido, Código Civil brasileiro, de 1916. Diz o autor que o disposto nestes artigos, com relação à anulação do casamento por defeito físico ou moléstia grave tem “*duvidoso efeito ‘curativo’, quando deveriam ter efeito*

<sup>129</sup> KEHL, Renato. Op. Cit., p. 264.

<sup>130</sup> Doença também conhecida pelo nome de *gonorréia*.

<sup>131</sup> KEHL, Renato. Op. Cit., p. 264.

<sup>132</sup> STEPAN, *Op. cit.*, p. 78.

<sup>133</sup> *Idem*, p. 133.

<sup>134</sup> *Idem, Ibidem*.

‘prophylático’.”<sup>135</sup> A crítica reside no fato de permitir a anulação posterior ao casamento, e não a proibição de que este aconteça, e ainda de conter os artigos conceitos pouco precisos e difusos “*dando margem a toda sorte de dúvidas e chicanas forenses.*”<sup>136</sup>

### 3.3 RAÇA, MISCIGENAÇÃO E IMIGRAÇÃO

A questão da raça e miscigenação no Brasil foi fruto de debates desde muito antes do surgimento da eugenia. Desde o século XIX o assunto vinha sendo colocado no âmbito “científico”, pelas teorias racialistas que buscavam explicações biológicas para explicar as diferenças raciais. A imigração de europeus aparecia nesse contexto como veículo impulsionador do embranquecimento da nação. A imigração europeia era insubstituível como agente exclusivo de purificação étnica. Mesmo que o país alcançasse algum progresso material, sem brancos e embranquecidos, ele sofreria a falta de avanços morais e intelectuais.<sup>137</sup> Na eugenia, a despeito do racismo implícito as suas considerações, muitos procuravam ponderar suas discriminações raciais com argumentos científicos. Assim fazia Kehl em *Lições*. No entanto, em meio a tantas considerações que poderiam ser consideradas neutras e pautadas pelas leis da biologia mais moderna, emergiam exemplos de racismo ordinário. A regeneração da raça brasileira, para o autor, passava pelo branqueamento da população.<sup>138</sup> Kehl em frase que denota seu radicalismo e pessimismo com relação a “raça brasileira” prescreve: *A nacionalidade brasileira embranquecerá à custa de muito sabão de côco ariano.*<sup>139</sup>

Acontece que no pensamento eugênico de Kehl, e como podemos observar na obra em estudo, ocorria uma valoração não tanto sobre as raças em si, mas sobre a questão da miscigenação. Para Kehl, o motivo da crise racial no país consistia em grande parte na miscigenação do povo. Para salvar este da catástrofe, seria preciso adotar procedimentos eugênicos como o controle de casamentos e

<sup>135</sup> KEHL, Renato. Op. Cit., p. 159.

<sup>136</sup> *Idem, Ibidem.*

<sup>137</sup> AZEVEDO, Célia Maria Marinho de. *Onda Negra, Medo Branco: o negro no imaginário das elites do século XIX*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987. p. 75.

<sup>138</sup> DIWAN, 132

<sup>139</sup> KEHL, *Op. cit.*, p. 188.

educação eugênica e o controle da imigração.

O debate imigratório no Brasil foi tema constante de debates legislativos, trabalhos acadêmicos e artigos de jornais, desde a chegada dos primeiros imigrantes, até o estabelecimento das leis imigratórias, sendo tema recorrente dos higienistas<sup>140</sup> e de eugenistas como Renato Kehl.<sup>141</sup> Segundo os eugenistas a imigração tornava-se um fator imprescindível, tendo em vista a “necessidade” de “branqueamento” da população brasileira. O problema desta “necessidade”, na visão dos eugenistas, residia no fato de serem estes imigrantes considerados geralmente como criminosos, vagabundos, desordeiros e subversivos.<sup>142</sup> A vantagem desta imigração é que a tarefa de “arianização” da raça ficava facilitada com a vinda destes estrangeiros, já que a população tornar-se-ia branca sem que, para isso, as elites corressem o risco de perder seu *pedigree*.<sup>143</sup> Ficava então explícita a relação entre “arianização” e imigração, sendo que, na lógica eugenista, “braços negros” não deveriam receber estímulos para migrar para o país.<sup>144</sup>

Em *Lições de Eugenia*, Kehl trata com bastante ênfase a questão da imigração. Segundo o autor a necessidade era de “*leis severas que estipulem as condições para a entrada de alienígenas no país.*”<sup>145</sup> Segundo o autor havia certa complacência acerca da admissão de imigrantes no país, no que diz respeito a condição de saúde mental destes. Diz Kehl que “*No Brasil, infelizmente, têm tido entrada franca os cretinos e os mentecaptos, os eplepticos e até os doidos, por complacência ou porque conseguem escapar à fiscalização dos portos.*”<sup>146</sup>

A Legislação acerca do tema, no período, não era totalmente lacunar. O poder executivo estava autorizado pelo Decreto Federal nº 4.247 de 1921 a impedir de entrar em território nacional: “*todo estrangeiro mutilado, aleijado, cego, louco, mendigo, portador de molestia incuravel ou de molestia contagiosa grave;*”<sup>147</sup> A legislação, no entanto, segundo Kehl, era ineficaz e insuficiente. Fazia o eugenista à advertência de que não era suficiente apenas exame para avaliar as condições físicas e mentais do imigrante, mas também asseverava, como já comentamos sobre

<sup>140</sup> MARQUES, V. R. B. *Op. cit.*, p. 86.

<sup>141</sup> KEHL, Renato. *Op. Cit.*, pp. 191-196

<sup>142</sup> MARQUES, V. R. B. *Op. cit.*, p. 87.

<sup>143</sup> *Idem*, p. 88.

<sup>144</sup> *Idem*, p. 89.

<sup>145</sup> KEHL, Renato. *Op. Cit.*, p. 191.

<sup>146</sup> *Idem*, p. 194.

<sup>147</sup> Decreto Federal 42.247/1921 em: <http://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1920-1929/decreto-4247-6-janeiro-1921-568826-publicacaooriginal-92146-pl.html>.

o pensamento eugênico brasileiro em geral, que a imigração deveria ser racialmente qualificada, com preferência pela raça branca, tanto “nórdica” quanto “mediterrânea”. Segundo Kehl deveria ser evitada a imigração de indivíduos das “*raças negra e asiática*”.<sup>148</sup> Neste momento do texto o eugenista faz espécie de retratação em sua explicação, mostrando o motivo desta preferencial racial na questão de imigração:

Como já esclarecemos somos contrários ao cruzamento da raça branca com a preta ou amarela, única e exclusivamente, por motivos eugênicos, sem qualquer outro motivo ou preconceito de superioridade ou inferioridade.<sup>149</sup>

A Imigração tratada por Kehl em *Lições*, de forma mais específica, foi a imigração japonesa, que mereceu algumas linhas. Nos primeiros sete anos de imigração japonesa, chegaram ao Brasil 3.434 famílias, ou seja, quase 15 mil pessoas. Entre 1917 e 1940, foram mais 164 mil japoneses, dos quais 75% para São Paulo. A maior parte dos imigrantes chegou durante decênio 1920-1930.<sup>150</sup> Este grande fluxo de imigrantes japoneses, contemporâneo a campanha eugênica do autor, chamou atenção deste para o “problema”. Dizia então que:

Se vingarem os propósitos das comissões japonezas que trabalham para intensificar esta imigração, e se o governo brasileiro continuar a favorecê-la, dentro de mais alguns anos teremos formado no Estado acima referido um formidável e inassmilável núcleo de filhos do Imperio do Sol nascente, tal qual o kysto racial com que os Americanos do Norte tanto se preocupam.<sup>151</sup>

É importante explicar que a imigração japonesa não era uma questão apenas no Brasil, que diferente de outros países, e a despeito das opiniões como as de Kehl, continuou a receber imigrantes nipônicos. Em um período anterior, os japoneses foram proibidos de imigrar para os Estados Unidos, em razão da I Guerra Mundial, e não eram bem recebidos na Austrália e no Canadá. O Brasil tornou-se, então, um dos poucos países no mundo a aceitar imigrantes do Japão.<sup>152</sup> Era esta imigração considerada por Kehl como prejudicial a formação da “raça brasileira”.<sup>153</sup>

A discussão acerca da ideologia racial no Brasil também afetou o modo

<sup>148</sup> KEHL, Renato. Op. Cit., p. 196.

<sup>149</sup> *Idem, Ibidem.*

<sup>150</sup> <http://www.saopaulo.sp.gov.br/imigracaojaponesa/historia.php>. acessado em 10/06/2013.

<sup>151</sup> KEHL, Renato. Op. Cit., p. 196

<sup>152</sup> <http://www.saopaulo.sp.gov.br/imigracaojaponesa/historia.php>. acessado em 10/06/2013.

<sup>153</sup> MARQUES, V. R. B. *Op. cit.*, p. 91.

como a eugenia se desenvolveu no país, sendo que vários grupos tentavam usá-la para seus distintos projetos políticos.<sup>154</sup> Já nos referimos aqui sobre a necessidade da intelectualidade brasileira definir o país como nação, a partir da proclamação da República. Assim a definição do povo brasileiro, ou seja, o tipo antropológico que definiria a “raça brasileira” foi motivo de análise de Renato Kehl, em se plano para a regeneração do povo brasileiro. O principal “problema” colocado por Kehl quanto à questão da “raça brasileira” consistia na miscigenação. O eugenista se colocava em oposição ao processo de miscigenação racial do povo brasileiro, em *Lições*. Podemos observar na obra em estudo que ocorria uma valoração negativa, por parte do autor, sobre a questão da miscigenação. Para Kehl o motivo da crise racial no país consistia, em grande parte, na miscigenação do povo. Para salvar este da catástrofe seria preciso adotar procedimentos eugênicos como o controle de casamentos e a educação eugênica. O autor esclarece a questão, que era controversa entre os biólogos da época, dizendo: “(..)somos *contrários ao cruzamento da raça branca com a preta ou amarela, única e exclusivamente, por motivos eugênicos, sem qualquer outro motivo ou preconceito de superioridade ou inferioridade.*”<sup>155</sup>

A nacionalidade brasileira não estava, segundo os parâmetros do autor, psicológica ou plasticamente definida de forma equilibrada.<sup>156</sup> Kehl colocava como justificativa para os vícios e defeitos da sociedade brasileira na questão da miscigenação. Escreve em *Lições*, em sua 12<sup>a</sup> “lição”:

Tão variáveis são as cores das cútis, como demais caracteres antropomórficos, numa confusa promiscuidade de temperamentos psychicos. Dahi a índole indefinida, a mentalidade imprecisa e inconstante, os vícios políticos e sociais de nossa gente.<sup>157</sup>

Kehl usou para explicar tal concepção acerca da miscigenação às leis mendelianas, de cunho determinista e que embasavam as medidas eugênicas negativas de cunho negativo e radical. Acontece que Mendel descobriu, pelas leis de disjunção hereditária e da hereditariedade por hibridação, que o indivíduo traz em seu genótipo caracteres dos seus genitores, formando um indivíduo híbrido. Esta teoria biológica ajudou a legitimar a defesa do eugenista em favor da não

---

<sup>154</sup> MARQUES, V. R. B. *Op. cit.*, p.15.

<sup>155</sup> KEHL, Renato. *Op. Cit.*, p. 196.

<sup>156</sup> *Idem*, p. 187.

<sup>157</sup> *Idem*, p. 188.

miscigenação, e do branqueamento pela introdução de indivíduos brancos.

### 3.4 ESTERILIZAÇÃO E ABORTO

Quanto à questão da esterilização<sup>158</sup> Renato Kehl define, na obra em estudo, quais são os indivíduos que se são potencialmente esterilizáveis. O eugenista se espelha nos exemplos de países onde já acontecia o controle de nascimentos de forma racional, como a Alemanha, por exemplo, para definir seus métodos de educação anticoncepcional.<sup>159</sup> Tendo por base o título de capítulo presente *Lições de Eugenia* podemos, de pronto, especular o alvo de tais procedimentos segundo os planos do autor: *A esterilização dos grandes degenerados e criminosos*.<sup>160</sup> Esta seria uma das mais controversas medidas prescritas por Kehl como medida de eugenia negativa, que previa a indicação desta medida para, além dos criminosos, os *degenerados*. A palavra degeneração significa, neste contexto, o desvio das qualidades de origem do indivíduo sob a ação de fatores e circunstâncias involuntárias, sobretudo de ordem congênita e hereditária, como nos casos citados de “*cegueira e surdo-mudez congênita ou hereditária, na eplepsia, idiotia ou no caso de o casal já ter tido mais de um filho com desordem psychica ou somatica.*” Kehl cita também assimetria ou deformação da cabeça, da face, dos membros e vício de conformação das orelhas como indícios de degeneração, assim como o retardo mental ou intelectual, o cretinismo e a imbecilidade. O alcoolismo, as doenças venéreas e a criminalidade, entre outros, seriam fatores e circunstâncias voluntárias que também levariam a uma degeneração da prole.<sup>161</sup>

O momento histórico, e a oportunidade política, presentes no contexto brasileiro e mundial, a partir da virada da década de 1920 para 1930, favoreciam a defesa de práticas eugênicas mais duras como a esterilização.<sup>162</sup> A Liga Brasileira de Higiene Mental, representava um diálogo entre a psiquiatria e a eugenia, sendo

<sup>158</sup> Ato de tornar inapto o indivíduo à reprodução. Os procedimentos cirúrgicos utilizados são a vasectomia, para os homens, e a laqueadura ou a histerectomia para as mulheres.

<sup>159</sup> DIWAN, Pietra. *Op. cit.*, p. 147.

<sup>160</sup> KEHL, R. *Op. cit.*, p. 170.

<sup>161</sup> CASTAÑEDA, L. A. Eugenia e Casamento. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos Rio de Janeiro*, vol 10 (3), 901-30 set. – dez. 2003. p. 914.

<sup>162</sup> *Idem, Ibidem.*

que estes médicos estariam mais abertos a discussão de uma das questões mais controversas em termos de aplicação de medidas eugênicas: a esterilização involuntária dos “degenerados”.<sup>163</sup>

Kehl não desejava, no entanto, privar da vida afetiva e matrimonial os indivíduos eugenicamente considerados inaptos a reprodução. Considerava que a prática da esterilização regulada pelo Estado poderia “liberar” os considerados “inaptos à reprodução” para estas atividades. Diz Kehl que: *os indivíduos considerados inaptos a procriação terão apenas direito aos prazeres do hymeneu*<sup>164</sup> *quando previamente submetidos à esterilização.*<sup>165</sup>

A questão do aborto também entra no debate como medida eugênica, mas de forma auxiliar aos outros instrumentos de controle da raça, principalmente a esterilização. O aborto, no Brasil do início do século XX, não seria a medida mais fácil de se defender, em país com tão vasta área a ser povoada e de ampla maioria católica. Kehl considera este procedimento, quando não realizado pelo motivo eugênico, como um atentado à nacionalidade. A lógica do aborto por motivo eugênico segue a dos motivos de esterilização. Seria considerado o uso de tal procedimento nos casos de os pais portarem condições como epilepsia, loucura, alcoolismo crônico dentre outros motivos.<sup>166</sup> O assunto, no entanto, é considerado por Kehl como delicado, a despeito de outros países, como a Argentina e a Suíça já estarem projetando legislações acerca do aborto eugênico.

---

<sup>163</sup> WEGNER, R; SOUZA, V. S. Eugenia ‘negativa’, psiquiatria e catolicismo: embates em torno da esterilização eugênica no Brasil. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos* Rio de Janeiro, v.20, n.1, jan.- mar. 2013, p.263.

<sup>164</sup> deus grego do casamento, filho de Apolo e Afrodite.

<sup>165</sup> KEHL, R. *Op. cit.*, p.22.

<sup>166</sup> *Idem*, p.178.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

As concepções de Renato Kehl, e da eugenia brasileira em geral, marcaram o ideário do país início do século XX, mas devido à resistência de médicos e legisladores não conseguiram influenciar a adoção de políticas duradouras de fundo eugênico.<sup>167</sup> A eugenia não foi uma obra alheia à nova ordem racional da civilização, mas de forma contrária, foi um produto legítimo do espírito moderno, daquela ânsia de auxiliar e apressar o progresso da humanidade rumo à perfeição, que foi por toda parte a mais eminente marca da era moderna.<sup>168</sup> A presença de ideias eugênicas radicais, de cunho mendeliano e determinista, em um país miscigenado como o Brasil são a comprovação desta ânsia.

Temos que comentar também após a feitura deste trabalho que o movimento eugênico não foi, de forma alguma, manifestação de ideias extremistas advindas da periferia das ciências, mas sim movimento endossado por respeitadas cientistas, médicos e ativistas sociais que a consideraram como resultado do desenvolvimento do estudo da hereditariedade humana. Assim Kehl, interessado na regeneração do povo brasileiro, procurou expor ideias científicas para tanto, sendo que sua caminhada em direção a radicalização foi motivada pela legitimação científica. O rumo tomado pela extraordinária, brutal e excessiva eugenia nazista alemã, fez com que, após a 2ª Guerra Mundial, o eugenista reorientasse seus estudos para o ramo da psicologia. Sua obra acerca da eugenia, no entanto, permaneceu como um retrato do pensamento médico e social de uma época.

Outro ponto a ser destacado após a feitura deste trabalho é de que a eugenia brasileira, apesar de ter se formatado de forma diversa a dos centros irradiadores desta ciência médica, como Alemanha, Grã-Bretanha e EUA, de forma alguma pode ser tomada por menos relevante, por ter se pautado por diretrizes científicas características. Existiu no Brasil, como pudemos constatar na obra em estudo, uma hibridização de ideias que permitiram, muitas vezes, a conciliação da prescrição de medidas educativas e de saneamento com medidas mais duras como

---

<sup>167</sup> DIWAN, Pietra. *Op. cit.*, p. 151.

<sup>168</sup> BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade e Ambivalência*. Rio de Janeiro: Zahar, 1999. p. 33.

a esterilização. Os intelectuais brasileiros ligados a eugenia, como Kehl, não fugiram à essa hibridização, sendo que a obra em estudo por ter sido produzida em um momento de mudança de referencial teórico por parte de Kehl, denota ainda mais uma acomodação de ideias neste sentido. Aqui, porém, o sentido é em direção a radicalização dos conceitos e métodos, denotando uma inclinação as medidas eugênicas mais duras e a interpretações mais estritas de cunho determinista biológico.

De forma mais conclusiva podemos destacar que a obra estudada iniciou uma fase mais dura e pessimista do autor com relação a raça brasileira, e a eugenia no país. Como seus escritos posteriores são caracterizados pela historiografia como um conteúdo semelhante, ou mais radical, em relação a fonte analisada podemos inferir que as afirmações do autor nesta obra iniciam um processo, continuado em obras e periódicos posteriores, que só se interrompe após o término da 2ª Guerra Mundial. Isto acontece porque a partir de 1948, de forma geral, a eugenia foi “enterrada viva”.<sup>169</sup> A continuidade do desenvolvimento deste campo seria como reavivar as práticas julgadas pelos tribunais de Nuremberg, mesmo que a eugenia nazista tenha sido um caso à parte.

A ideia que fica e a de que muitas vezes os eugenistas, como Kehl, são julgados pelo senso comum, e também por parte dos autores, como radicais racistas, que tentavam implementar medidas controversas ou condenáveis. Após a análise de sua obra e trajetória podemos afirmar que esta ideia, apesar de sedutora, é dotada de certa simplicidade. Hoje parece óbvio, para qualquer um conhecedor dos básicos rudimentos de biologia genética, que a maioria das afirmações de Kehl, como a aversão a miscigenação, por exemplo, não encontram respaldo na ciência posta. Acontece que, à época, suas afirmações eram legitimamente embasadas na mais moderna ciência biológica, a despeito de algumas acomodações e incoerências. Seu manual de eugenia teve certa aceitação, no Brasil e no exterior, e parece uma obra dotada de grande arcabouço teórico.

Assim, apesar de ser uma ciência em declínio já a partir da década de 1940, muito da eugenia se conservou, de forma objetiva ou subjetiva, e daí vem um dos motivos relevantes para seu estudo. Muitas das instituições eugênicas pelo mundo ainda hoje estão em funcionamento, apesar de terem mudado de nome e

---

<sup>169</sup> DIWAN, P. *Op. cit.*, p. 71.

reorganizado seus interesses. Também no inconsciente coletivo ainda perduram alguns conceitos de origem eugênica. As descobertas da genética, a partir do final da década de 1980, trouxeram à tona afirmações que podem ser classificadas dentro do conceito de *neo-eugenismo*, tendo em vista as descobertas quanto a reprodução assistida e fertilização em vitro.<sup>170</sup>

Tendo sido feitas estas ponderações sobre a eugenia enquanto um campo “legítimo” de ciência, não podemos deixar de tocar nos pontos mais óbvios da questão. Como ocorreu com os eugenistas, e também no caso em estudo, a eugenia sofreu seus desvios políticos e pessoais, apesar de pretender certa neutralidade. Foi, algumas vezes, e como podemos constatar na fonte, válvula de escape para a legitimação de preconceitos raciais e prescrição de medidas desumanas. Concluimos que dentro da ciência existia certo espaço para este tipo de manobra, mas que no caso de Kehl suas *Lições* foram em maior parte pautadas pelo conceito “técnico” inovador que era a hereditariedade, no início do século XX, e em menor parte por suas pretensões políticas ou convicções pessoais. Este ponto pode ser inferido quando Kehl, ao ter contato com conhecimento mais moderno advindo do continente europeu e dos EUA, passa a reorientar suas concepções, demonstrando a disposição de estar na vanguarda dos conhecimentos biológicos de seu tempo.

---

<sup>170</sup> DIWAN, P. *Op. cit.*, p. 63.

## REFERÊNCIAS

ARENDRT, Hannah. *Origens do totalitarismo*. São Paulo, Companhia das Letras, 1989.

AZEVEDO, Célia Maria Marinho de. *Onda Negra, Medo Branco: o negro no imaginário das elites do século XIX*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

BOARINI, Maria Lucia (Org). *Higiene e raça como projetos: higienismo e eugenismo no Brasil*. Maringá: Eduem. 2003.

BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade e Ambivalência*. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.

CASTAÑEDA, L. A. Apontamentos historiográficos sobre a fundamentação biológica da eugenia. *Episteme*, 5, pp. 23-48, 1998.

\_\_\_\_\_. Da eugenia à genética: alcoolismo e hereditariedade nos trabalhos de Renato Kehl'. *Anais do VI Seminário Nacional de História da Ciência e da Tecnologia*, Rio de Janeiro, SBHC, pp. 252-6, 1997.

\_\_\_\_\_. Eugenia e Casamento. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos Rio de Janeiro*, vol 10 (3), set. – dez. 2003.

CASTIGLIONE, T. *A eugenia no direito de família: o Código Civil brasileiro e a lei sobre a organização e proteção da família perante a eugenia*. São Paulo: Saraiva, 1942.

DIWAN, Pietra. *Raça Pura: uma história da eugenia no Brasil e no mundo*. São Paulo: Contexto, 2007.

FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade: vontade de saber*. São Paulo: Graal, 1988.

GALTON, F. *Essay in eugenics*. Londres, The Eugenics Education Society, 1909. <http://galton.org/books/essays-on-eugenics/galton-1909-essays-eugenics-1up.pdf>

KEHL, Renato. *Lições de Eugenia*. Rio de Janeiro: Editora Francisco Alves, 1ª edição, 1929.

STEPAN, Nancy. *A Hora da Eugenia: raça, gênero e nação na América Latina*. Rio de Janeiro Cadernos de Saúde Pública, 2006.

MAI, L. D.; ANGERAMI, E. L. S. . Eugenia negativa e positiva: significados e contradições. *Revista Latino-Americana de Enfermagem (Ribeirão Preto)*, Ribeirão Preto/SP, v. 14, n.2, p. 251-258, 2006.

MAIO, Marcos Chor. *Raça, doença e saúde pública no Brasil: um debate sobre o pensamento higienista do século XIX*". In: Monteiro, Simone; Sansone, Livio (Org.).

*Etnicidade na América: um debate sobre raça, saúde e direitos reprodutivos.* Rio de Janeiro: Fiocruz. p.15-44. 2004.

MARQUES, V. R. B. *A Medicalização da Raça: Médicos, Educadores e Discurso Eugênico.* 1ª. ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 1994.

MAZOWER, Mark. *Continente sombrio: a Europa no século XX.* São Paulo: Cia das Letras, 2001.

NALLI, Marcos. *Antropologia e Racismo no Discurso Eugênico de Renato Kehl. Teoria e Pesquisa,* São Carlos.

NALLI, Marcos. *O Gene Educado: a antropologia eugênica de Renato Kehl e a educação.* 2000. 215 p. Dissertação de Mestrado. Universidade Estadual de Maringá, 2000.

PRIORE, M. L. M. (Org.); AMANTINO, M. S. (Org.). *História do Corpo no Brasil.* São Paulo: UNESP, 2011.

REIS, José Roberto Franco. *Degenerando em Barbárie: A hora e a vez do eugenismo radical.* In: BOARINI(org). *Higiene e raça como projetos: higienismo e eugenismo no Brasil.* Maringá: Eduem. 2003.

\_\_\_\_\_. *Higiene Mental e Eugenia: o projeto de regeneração nacional da liga brasileira de higiene mental.* 1994. 341p. Dissertação de Mestrado. Universidade de Campinas, 1994.

SCHWARCZ, Lilian Moritz. *O espetáculo das raças.* São Paulo, Companhia das Letras, 1993.

SKIDMORE, Thomas. *Preto no branco, raça e nacionalidade no pensamento brasileiro.* Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1976.

SOUZA, V. S. *A "eugenia negativa" nos trópicos: a política biológica e a construção da nacionalidade na trajetória de Renato Kehl (1928-1932).* In: *XII Encontro Regional de História - Usos do Passado,* 2006, Niterói.

\_\_\_\_\_. *A Política Biológica como Projeto: a 'eugenia negativa' e a construção da nacionalidade na trajetória de Renato Kehl (1917-1934).* *Dissertação de Mestrado em História das Ciências,* Casa de Oswaldo Cruz. 2006

WEGNER, R. *Renato Kehl, a eugenia alemã e a doença de Nietzsche.* Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH • São Paulo, julho 2011.

WEGNER, R; SOUZA, V. S. Eugenia 'negativa', psiquiatria e catolicismo: embates em torno da esterilização eugênica no Brasil. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos Rio de Janeiro*, v.20, n.1, jan.- mar. 2013,